



RELATÓRIO DE ESTÁGIO **(SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS)**

Autoria:
Estudante de Eng. Florestal - UnB
Juliano de Oliveira e Silva
juja413@yahoo.com.br

Brasília, 2008.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
* Pessoal.....	3
* Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá.....	4
OBJETIVOS	5
CRONOGRAMA	6
1ª SEMANA - VIVÊNCIA (MATA SUL)	8
* Breve Olhar Pessoal.....	9
* Família do Sr. Ailton da Paz, Rio Formoso.....	10
* Oficina de Produção de Mudas, Ribeirão.....	12
* Família do Zé Rosa, Rio Formoso.....	13
2ª SEMANA - VIVÊNCIA (MATA SUL)	15
* Breve Olhar Pessoal.....	16
* Família do Sr. Domingos Martiniano, Eng. Conceição.....	17
* Curso de Beneficiamento da Produção, Eng. Conceição.....	20
* Família do Sr. Antonio Batista, Eng. Conceição.....	21
* Família do Zé Caboclo, Eng. Conceição.....	23
* Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS.....	25
3ª SEMANA - VIVÊNCIA (MATA NORTE)	28
* Breve Olhar Pessoal.....	29
* Família de Jones e Lenir, Abreu e Lima.....	31
* Espaço Agroecológico da Graças, Recife.....	39
* AGROFLOR e Família de Rafael, Bom Jardim.....	42
4ª SEMANA - VIVÊNCIA (MATA SUL)	44
* Comissão Agroecológica da Mata Sul (CAMS), Rio Formoso.....	45
* Família do Paciência, Ribeirão.....	47
* Família do Sr. Pedro, Ribeirão.....	51
5ª SEMANA - VIVÊNCIA (MATA NORTE)	53
* Família do Sr Amazias e D. Ana, Abreu e Lima.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
AGRADECIMENTOS	58

APRESENTAÇÃO

Chamo-me **JULIANO DE OLIVEIRA E SILVA**, sou estudante do 7º semestre de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília/UnB e participei de um **estágio vivencial** proporcionado pelo CENTRO SABIÁ na Zona da Mata de Pernambuco no **período de 19/02 a 20/03/2008**.

Vivi momentos de grandes aprendizados, tanto profissionais como pessoais, ao ter uma vivência riquíssima com as famílias de agricultores e agricultoras e com os técnicos do SABIÁ.

A cada dia, novas conversas, piadas, risadas... **TROCAS**.... Realmente me senti como um membro de cada família por alguns dias... e busquei retribuir em cada momento este sentimento solidário de amizade que recebi das crianças, jovens, adultos.

Durante esta vivência essas trocas foram inúmeras e vão além de elementos técnicos e metodológicos sobre agroflorestas, beneficiamento e comercialização de produtos, acompanhamento de Associações de agricultores, visitas às Feiras Agroecológicas. Pude conhecer e compreender a realidade das comunidades, das famílias de agricultores e agricultoras, técnicos e Instituições em aspectos mais que sutis. Por já ter tido experiências no campo da educação e extensão agroflorestal – estagiei como voluntário no Instituto de Permacultura da Mata Atlântica em Ubatuba/SP por 6 meses e no Marizá Epicentro de Educação e Cultura em Tucano/BA sobre orientação de Marsha Hanzi por 4 meses – pude trabalhar com um forte sentimento de **observação-ação empática** e avalio este estágio como um **APRENDIZADO PARA A VIDA**.

Para finalizar, gostaria de agradecer ao CENTRO SABIÁ e às famílias de agricultores e agricultoras por terem me proporcionado momentos de alegres sentimentos. Desejo aos próximos estagiários e profissionais da área que abram seus corpos, seus corações e seus espíritos a esta vivência conjunta e compartilhem mutuamente a SABEDORIA das famílias e pessoas que trabalham em prol da Agroecologia no Estado de Pernambuco.

Brasília, 01/05/2008.

APRESENTAÇÃO

O **CENTRO SABIÁ** (Centro de Desenvolvimento Agroecológico SABIÁ) é uma Organização Não Governamental com Sede no Recife/PE que trabalha com agricultores e agricultoras familiares desenvolvendo e multiplicando a agricultura agroflorestal no Sertão, Agreste e Zona da Mata de Pernambuco há aproximadamente 15 anos.

O CENTRO SABIÁ atua sob os princípios e perspectivas da Agroecologia, buscando desenvolver e implementar o desenvolvimento local sustentável nas suas mais diversas dimensões sócio-políticas. Para isto atua conjuntamente com associações agroecológicas de agricultores familiares, movimentos sociais, organizações da sociedade civil e órgãos governamentais. Possui uma equipe técnica multidisciplinar que acompanha diversas **experiências agroecológicas** com o intuito de “**mapear, sistematizar e difundir**” as mesmas.

A Instituição tem contribuído no debate sobre a agroecologia, na perspectiva de reconstruir o significado da extensão rural e do pensar de novas relações na agricultura familiar agroecológica. Vem buscando colaborar positivamente para a formação de profissionais capacitados no campo da Agroecologia através de variadas estratégias – momentos de capacitações, cursos, seminários, intercâmbios, visitas e na prática do dia-a-dia. Preza pela metodologia de educação agricultor–agricultor e estimula o intercambio entre famílias com experiências referenciais e estudantes, técnicos e profissionais de área afins.

Sob este aspecto, entende que os estágios de vivência devem ser nas comunidades e em diálogo direto com as famílias de agricultores e agricultoras. São, pois **momentos de trocas e convívio** entre sábios (estudantes/profissionais técnicos e as famílias/comunidades), onde é possível conhecer a realidade e as estratégias utilizadas por todos, em especial os agricultores e agricultoras, para se enfrentar os desafios do cotidiano local.

OBJETIVOS

O **estágio** teve como proposta uma **vivência pessoal e profissional** da realidade da Zona da Mata, tanto de campo (comunidades) quanto institucional (acompanhamento das atividades dos técnicos).

Foi construído participativamente com a Coordenação Técnica do SABIÁ um cronograma de atividades com datas, objetivos e ações a serem executadas. Dentro desta proposta, por já ter tido experiências no campo da educação e extensão agroflorestal, como estagiário acompanhei diversas atividades de campo dos técnicos do SABIÁ, bem como vivi com as famílias de agricultores da Zona da Mata Sul, Zona da Mata Norte com a proposta de:

- i. Conhecer a região e a realidade das comunidades assessoradas pelo Centro Sabiá na Zona da Mata.
- ii. Compreender a dinâmica institucional de assessoramento às famílias e às associações/grupos beneficiários.
- iii. Refletir acerca da Agricultura Familiar, Agroecologia, seus desafios/estratégias através do convívio nas comunidades.
- iv. Vivenciar através do diálogo com os agricultores e técnicos quais os mais diversos aspectos de seus cotidianos.
- v. Trocar informações, experiências e saberes pessoais e profissionais com técnicos do SABIÁ e agricultores (as).
- vi. Refletir sobre o processo de transição Agroecológica nas áreas de assentamento rural bem como nas estratégias para a sua difusão.

CRONOGRAMA

Período	Atividades Realizadas (MATA SUL)
19/02 a 22/02/08	<p>19/02 – vivência com a família do Sr. Ailton da Paz no assentamento Amaragi, Rio Formoso-PE.</p> <p>20/02 – Acompanhamento da oficina de produção de mudas com agricultores e agricultoras da AFLORA no assentamento Águas Claras em Ribeirão-PE.</p> <p>21/02 – vivência com a família do Zé Rosa no assentamento Amaragi, Rio Formoso-PE.</p> <p>22/02 - Atividades no escritório do Sabiá no Recife (seleção e leituras de material didático e assistir a vídeos).</p>
23/02 a 02/03/08	<p>23 a 02/03 - Vivência com a família do Sr. Domingos Martiniano no Eng. Conceição.</p> <p>24/02 – Acompanhamento à oficina de produção de mudas no Eng. Conceição, Sirinhaém-PE.</p> <p>25 e 26/02 – acompanhamento ao curso de beneficiamento da produção no Eng. Conceição</p> <p>27/02 – Vivência com a família do Sr. Antonio Batista no Eng. Conceição.</p> <p>28/02 - Vivência com a família do Zé Caboclo no Eng. Conceição.</p> <p>30/02 – Acompanhamento à assessoria a Feira dos Produtores agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS</p>

Período	Atividades Realizadas (MATA NORTE)
03/03 a 11/03/08	<p>Estágio de vivência na propriedade de Jones e Lenir / Sítio São João – Inhamã / Abreu e Lima-PE.</p> <ul style="list-style-type: none"> i. Acompanhamento das atividades cotidianas da família ii. Sensibilização agroflorestal através de visita guiada por Jones. iii. Manejo de Agrofloresta iv. Apicultura - acompanhamento de atividades de captura, manejo de colméias, produção e beneficiamento de mel. v. Visita ao sítio da família no Assentamento de Pitanga – apicultura. vi. Acompanhar o processo de beneficiamento e comercialização realizado pela família. vii. Visita ao Espaço Agroecológico da Graças – Recife (08/03). <p>10/03 – Acompanhamento de Visita de estudantes de Eng^a Florestal/UFRPE a AGROFLOR e propriedade de Rafael, Bom Jardim-PE.</p> <p>11/03 – Acompanhamento técnico da Oficina de Poda e Manejo Agroflorestal, em Igarassu, Abreu e Lima-PE.</p>
Período	Atividades Realizadas (MATA SUL)
12/03 a 16/03/08	<p>12/03 – Reunião com a Comissão Agroecológica da Mata Sul (CAMS) – Rio Formoso.</p> <p>13 e 14/03 – Vivência com a família de Paulo Sebastião (Paciência) no assentamento Serrinha em Ribeirão-PE.</p> <p>15 a 16/03 – Vivência com a família do Sr. Pedro no assentamento Águas Claras em Ribeirão-PE.</p>
Período	Atividades Realizadas (MATA NORTE)
17/03 a 20/03/08	<p>18/03 – Vivência com a família do Sr. Amazias e D. Ana no sítio, em Igarassu, Abreu e Lima-PE.</p> <p>19 e 20/03 - Elaboração do relatório do estágio e Avaliação final do estágio.</p>

MATA SUL – 1ª SEMANA

No município de Rio Formoso/PE, várias famílias de agricultores e agricultoras estão construindo exitosas experiências com a agricultura agroflorestal e com a Agroecologia.

Muitos foram trabalhadores(as) rurais assalariados na cana-de-açúcar e obtiveram terra e crédito após a desapropriação do Engenho Amaraji. Contudo, o cultivo intensivo de cana-de-açúcar levou ao empobrecimento dos solos e esta é a maior dificuldade das famílias no que se refere às atividades agrícolas produtivas.

A conversão aos **sistemas agroflorestais começou em 2006**, quando um agricultor da comunidade, Zé Francisco, participou de um intercâmbio agroflorestal a convite do CENTRO SABIÁ e desde então este saber tem sido difundido dentro e fora do Assentamento. Atualmente são **sete famílias** fazendo agrofloresta na localidade e o trabalho em grupo ocorre principalmente através de mutirões semanais em sistema de rodízio. “Estes têm sido momentos de crescimento e troca de experiências que fortalecem os sonhos de um futuro melhor para todos”, segundo o Sr. Ailton.

A **produção de hortaliças e frutas agroecológicas** é o carro-chefe das famílias. Há também a produção de animais e seus derivados, bem como produtos da lavoura de subsistência sob princípios de manejo agroecológicos.

Hoje boa parte da renda vem da propriedade e a produção “limpa” para consumo tem garantido a **segurança alimentar**. A comercialização do excedente destes produtos é feita na Feira Agroecológica da Mata Sul em Palmares.

Além disso, o grupo tem estabelecido diversos vínculos de parceria com o poder público municipal visando fortalecer as atividades já desenvolvidas, bem como é percebido o engajamento das lideranças destes grupos em diversos espaços de discussões sobre os problemas e desafios da Agroecologia na Região – como, por exemplo, a CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul).

Por fim, a Agroecologia tem aumentado a produtividade e a produção da agricultura local, bem como o próprio bem-estar das famílias. Muitos agricultores pensam em ampliar suas áreas agroflorestais nos próximos anos e têm difundido suas experiências para outras famílias na Região.

MATA SUL – BREVE OLHAR PESSOAL

Como estagiário a primeira semana foi o **primeiro contato** com a Realidade da Agricultura Familiar da Zona da Mata Sul. Foram momentos de **contextualização e compreensão** dos diversos elementos desta realidade.

Sendo uma região canavieira pressupus que se tratava de contexto com complexas relações sócio-econômicas-políticas e ambientais. Conseqüentemente busquei levantar o máximo de informações sobre as famílias e sobre as atividades que vem sendo desenvolvidas pelos técnicos do CENTRO SABIA.

As famílias visitadas foram a do Sr. Ailton, do Zé Francisco e Zé Rosa. Hoje formam o grupo pioneiro do processo de Transição Agroecológica no Engenho Amaraji. As experiências com a agricultura agroflorestal (cultivo de hortaliças e frutas agroecológicas) tem um pouco mais de 1 (um) ano.

Apesar de ser recente este contato, é fácil perceber o entusiasmo e a **motivação das famílias** quanto a agroecologia e a agrofloresta. Muitos já trabalhavam com horticultura orgânica e o sistema agroflorestal veio ajudar a recuperar o solo e a produtividade das culturas anuais e perenes. Foram plantadas espécies adubadeiras juntamente com frutíferas, nativas e lavouras de ciclo curto e médio. Este sistema tem colaborado para o aumento da renda, das relações de associativismo e da segurança alimentar destas famílias.

À medida que ganhava maior confiança nas relações, busquei dialogar focando nos seguintes questionamentos:

- a) A Região e a Realidade das famílias do assentamento Amaraji;**
- b) Sustentabilidade Social e Ambiental da Cana de açúcar;**
- c) Transição Agroecológica das famílias (desafios e estratégias).**

FAMILIA DO Sr. AILTON

O agricultor agroflorestal Ailton da Paz mora com sua mulher e filhos(as). Trabalhou nas lavouras de cana-de-açúcar da Zona da Mata por vários anos até a receber um lote desapropriado. Sua experiência é recente e iniciou o trabalho juntamente com outras famílias através da sensibilização e assessoria técnica feita pelo CENTRO SABIA.

Seu trabalho é focado no plantio de algumas espécies adubadeiras entre as frutíferas e na lavoura de ciclo curto. O entusiasmo do Sr. Ailton é grande ao falar dos benefícios de se trabalhar sob tal concepção – “o solo melhorou, a produção foi diversificada para consumo da família e já temos uma renda vindo da própria produção. Tudo isso junto com a preservação da natureza e da saúde da família”.

O Sr. Ailton e outros membros da família já participaram de inúmeros **intercâmbios** e visitas a outras experiências agroecológicas, algumas até em assentamentos de outras regiões do Estado. Hoje as mudanças já são sentidas por todos e eles se sentem muito mais confiantes em disseminar estes conhecimentos.

No período de uma tarde foi feita uma **visita técnica guiada** pelo próprio agricultor onde foi mostrada toda a propriedade e partilhada a experiência em saf's – plantio de hortaliças e frutas nativas, beneficiamento da produção feito pelas mulheres.

Sua produção está focada em frutas e hortaliças agroecológicas para consumo e comercialização (in natura e sob forma de polpas). Foi observado que seu **pomar** é bem diversificado e possui muitas fruteiras – coco, banana, graviola, acerola, manga, abacate, jaca, limão, laranja, caju, outros. Existe também uma **horta** com variadas folhosas e condimentares (coentro, alface, quiabo, maxixe, pimentão, couve) com cobertura de solo e uso de compostagem como adubação. Há ainda a prática da bovinocultura de corte.

Em parte da propriedade há uma pequena **área de reserva**, em processo primário de recuperação com algumas espécies florestais nativas, que visam preservar “a água da propriedade”. Esta será enriquecida com frutíferas e árvores nativas (madeira principalmente) sob manejo agroflorestal (diversificação) num futuro breve, disse Sr. Ailton.

O próprio agricultor reconhece que o “**sistema agroflorestal é mais trabalhoso**”, mas seus maiores benefícios são a produtividade, a preservação da natureza e o próprio bem-estar da família. O trabalho em **multirão semanal** onde cada família é beneficiada em sistema de rodízio tem fortalecido a união do grupo, promovido a troca de experiências entre eles e facilitado a ampliação e o manejo dos mesmos. Com todo o aprendizado o agricultor pretende ampliar sua área agroflorestal nos próximos anos.

È uma das lideranças que participa ativamente de diversos espaços de discussões sobre os problemas e desafios da Agroecologia na Região – como, por exemplo, a CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul). Atualmente também busca **sensibilizar e mobilizar** outros agricultores do próprio assentamento, convidando-os para os multirões. Considera que a melhor maneira de se “conquistar” novos parceiros é implantar e manejar melhor seus saf’s, pois desta maneira outros agricultores poderão ver o sucesso do trabalho individual e do grupo e compreenderão seus benefícios.

Por fim, **avalia** nosso encontro como agradável mas um pouco curto (de apenas 1 dia).



OFICINA DE PRODUÇÃO DE MUDAS

No assentamento Águas Claras ocorreu o acompanhamento da oficina de produção de mudas com agricultores e agricultoras da AFLORA – Associação dos Agricultores Agroecológicos de Ribeirão.

O objetivo da oficina foi produzir diversas mudas a partir das sementes de interesse agroflorestal levadas por cada agricultor – frutíferas e nativas – e promover um debate com reflexões sobre a importância do uso de plantas nativas nos Saf's. Estavam presentes os agricultores – **Paciência, Sr. Pedro e Irmão José**. O acompanhamento técnico foi feito pela Ana (técnica) e por mim.

Foi um trabalho muito agradável que aconteceu próximo ao **Viveiro**, que já contava com pelo menos 3 mil mudas, e circundado por **sistemas agroflorestais** feitos pelo Sr. Pedro e sua família. Neste momento também foram discutidos algumas estratégias para se enfrentar os desafios da AFLORA – em crise na época, contando com apenas 4 sócios ativos e contribuintes.

Nesta oportunidade pude aprender a identificar visualmente diversas **espécies nativas da Mata Atlântica**, bem como correlacioná-las aos seus usos – madeira, frutíferas, melíferas, medicinais - algo de extrema relevância na área de Engenharia Florestal.



FAMILIA DO ZÉ ROSA E FAMÍLIA

O agricultor agroflorestral Zé Rosa mora com a família no assentamento Amaraji. Trabalhou nas lavouras de cana-de-açúcar e outras atividades correlatas até receber um lote como a maioria dos outros agricultores assentados.

Com apoio da família, vem desenvolvendo experiência referência em produção de frutas e hortaliças agroecológicas para consumo e comercialização na Feira Agroecológica da Mata Sul, em Palmares.

Por ter trabalhado anteriormente com produção orgânica de hortaliças, Zé Rosa tem facilidade em compreender as técnicas de implantação e manejo dos sistemas agroflorestrais. Juntamente com Joselânia e José Augusto, ele está convencido dos benefícios da agroflorestra – “a produção melhorou muito e com a assessoria do CENTRO SABIA as perspectivas para o futuro são ótimas. Tudo isso tem ajudado na renda e na saúde da família”.

Durante o período da manhã ocorreu uma **visita técnica guiada** pelo próprio agricultor onde foi mostrada toda a propriedade, em especial a horta. Neste sistema há a integração da bovinocultura de leite que fornece o adubo para as mesmas. Há também na propriedade um coqueiral e pomar convencional (coco, banana, graviola, acerola, manga, abacate, jaca, limão, laranja, caju, outros), no qual o agricultor planeja fazer o enriquecimento com espécies adubadeiras, frutíferas, nativas. Além disso, o agricultor cria galinhas de capoeira e iniciou recentemente trabalho com apicultura.

Com base no aprendizado agroflorestral adquirido através da vivência em grupo (multirão semanal) e de inúmeros **intercâmbios** e visitas a experiências agroecológicas na Região, a família pretende ampliar sua área agroflorestral nos próximos anos. É, juntamente com Joselânia e José Augusto, uma das lideranças que participa ativamente de diversos espaços de discussões sobre os problemas e desafios da Agroecologia na Região – como, por exemplo, a CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul).

Assim como o Sr. Ailton, Zé Rosa percebe que o “**sistema agroflorestral é mais trabalhoso**”, mas seus maiores benefícios são: aumento da renda e segurança alimentar. Também considera que a melhor maneira de se “**sensibilizar e mobilizar outros agricultores**” é implantar e manejar melhor seus Saf’s.

Foi uma visita agradável e de grande troca de saberes e experiências técnicas, onde houve ademais debates e reflexões sobre a importância do uso de plantas nativas nos Saf's e o plantio de mudas de espécies frutíferas junto com as crianças (netos de Zé Rosa).

Considero a vivência como outra ótima oportunidade onde pude entender um pouco mais da Realidade Local, bem como compreender os variados desafios e estratégias das **famílias** que há pouco mais de **1 ano** em **Transição Agroecológica**. Contudo o contato de apenas uma tarde não permitiu um relacionamento mais profundo do estagiário com as famílias.



MATA SUL – 2ª SEMANA

No Engenho Conceição, município de Sirinhaém, várias famílias de agricultores e agricultoras estão praticando a agricultura agroflorestal e a Agroecologia com sucesso a despeito de variados problemas socioeconômicos – trabalho, educação, saúde, infra-estrutura, outros, existentes nesta Região Canavieira.

Em sua maioria, muitos foram prestadores de serviços e/ou trabalhadores(as) assalariados em atividades correlacionadas com a “cana de açúcar”. Contudo, optaram recentemente por praticar uma agricultura que trouxesse benefícios mais duradouros ao bem estar de suas famílias.

A conversão aos **sistemas agroflorestais** começou em 1999 a partir da sensibilização e mobilização das famílias promovidas pelas ações sócio-educativas do PRORENDA, CENTRO SABIA e a UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBICO. A construção das experiências agroflorestais foi feita participativamente em grupo e deste então este saber tem sido difundido dentro e fora do Assentamento.

Atualmente são **treze famílias** fazendo agrofloresta. A troca de saberes e experiências ocorre principalmente através de mutirões e outros espaços de encontros como a Associação dos Produtores Rurais dos Engenhos Conceição e São José – ASCONSAJ.

A **produção de frutas agroecológicas** é o carro-chefe das famílias – graviola, cajá, acerola, mamão, banana, abacaxi, cacau, coco, jaca, manga, caju, etc. Há também a produção de hortaliças, animais e seus derivados, bem como produtos da lavoura de subsistência sob princípios de manejo agroecológicos.

Hoje boa parte da renda vem da propriedade e a produção “limpa” para consumo tem garantido a segurança alimentar. A comercialização direta sem atravessadores destes produtos é feita na Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS, criada em 2001.

Com 09 anos de trabalho, os **resultados** são positivos: aumento da fertilidade dos solos, da produção e produtividade, da renda das famílias, da procura por produtos agroecológicos pelos consumidores, da participação das mulheres no processo de produção, beneficiamento e comercialização, etc. Enfim, o próprio bem-estar das famílias.

MATA SUL – BREVE OLHAR PESSOAL

O convívio com as famílias foi mais intenso na segunda semana. Foram momentos de maior **aprendizagem e integração** as suas realidades. As famílias visitadas foram as do Sr. Domingos, Sr. Antonio Batista e de Zé Caboclo, em 9 dias. Estes integram hoje um **grupo pioneiro** no processo de Transição Agroecológica no Engenho Conceição.

Novamente busquei levantar o máximo de informações sobre as famílias e sobre as atividades que vem sendo desenvolvidas pelo CENTRO SABIA. As mais marcantes foram – beneficiamento da produção feita pelas famílias e visita a FEPAS, visitas as propriedades de Toinho e Zé Caboclo, bem como vivência com as crianças, jovens e adultos da família do “Pai Domingos” e D. Zulmira.

Foi interessante perceber o **poder transformador** da Agroecologia e da agrofloresta refletidos nos relatos das famílias. São nítidos o entusiasmo e motivação das mesmas quanto ao trabalho com maior respeito ao meio ambiente, e às mulheres-jovens-crianças. Verificou-se ademais um forte **envolvimento das mulheres** no processo de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos agroecológicos. Este fato potencializou o aproveitamento da produção através da transformação do produto in natura para outras formas: polpa de frutas, doces, bolos, pães, etc. Este trabalho conta com ajuda de jovens.

A segurança alimentar e financeira das famílias sobreveio da recuperação da fertilidade dos solos, que ao propiciar melhorias na produção e produtividade, viabilizou a comercialização de excedente e a geração de renda de produtos com valor agregado. Houve também melhorias nas relações de associativismo destas famílias.

Dentro desta perspectiva, profissionalmente busquei dialogar e refletir sobre os seguintes questionamentos:

- a) Transição Agroecológica das famílias (desafios e estratégias);**
- b) Processos Produtivos e de Planejamento de Propriedades.**

Por fim, é importante citar que houve uma expressiva afinidade pessoal com as famílias, resultando numa amizade com as crianças e jovens da família de Toinho e Sr Domingos, bem como adultos de todas as famílias visitadas – mulheres e homens. Foram todos nobres momentos de alegria.

FAMILIA DO Sr. DOMINGOS

O agricultor Domingos Martiniano mora e trabalha na comunidade do Engenho Conceição. Sua propriedade possui aproximadamente 41 hectares sendo 50% preservado como reserva de Mata atlântica. Trabalhou nas lavouras de cana-de-açúcar e outras atividades correlatas até receber um lote como a maioria dos outros agricultores assentados.

Com apoio da família, vem desenvolvendo experiência referência em produção de frutas e hortaliças agroecológicas para consumo e comercialização na Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS.

O trabalho com o sistema agroflorestal iniciou, juntamente com outros agricultores, através da sensibilização e assessoria técnica feita pelo CENTRO SABIA e parcerias.

As bases do trabalho foram os princípios da Agroecologia e a sua primeira experiência com agrofloresta foi feita em uma área empobrecida e coberta com braquiária próxima ao rio no ano de 1999. Foram introduzidas neste local várias culturas para recuperação do solo como feijão guandu, sombreiro, capim elefante, leucena, crotos, algumas árvores nativas, além de banana, feijão, coco, mamão, macaxeira, abacaxi e outras culturas. Apesar das críticas dos vizinhos e parentes, os resultados positivos foram animadores: a braquiária foi “dominada”, produção de frutas melhorou em quantidade e qualidade.

A partir destes resultados, o agricultor animou-se e foi aumentando a área gradativamente, bem como procurou participar de outros processos de capacitação propostos pelas Instituições de Assessoria. Houve também o envolvimento das mulheres da sua família no processo de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos agroecológicos. Através de inúmeros cursos de capacitação e de intercâmbios de experiências foi potencializado o **aproveitamento da produção** através da transformação do produto *in natura* para outras diversas formas de utilização para o consumo: polpa de frutas, doces, bolos, pães, licores, passas, etc.

O sistema agroflorestal ajudou trouxe **segurança alimentar** para famílias – produção e produtividade das culturas anuais e perenes. A **financeira** foi viabilizada com a comercialização do excedente e a geração de renda de

produtos com valor agregado na Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS, formada em 2001.

A comercialização na FEPAS vem contribuindo para o fortalecimento do associativismo no Assentamento. No passado, esta comercialização era feita individualmente com a Usina e atravessadores, criando um desânimo entre as famílias devido ao baixo retorno econômico proveniente da agricultura.

Foi interessante perceber o **poder transformador** da Agroecologia refletidos nos relatos dos membros da família. É interessante o relato do Sr. Domingos ao falar dos benefícios de se trabalhar sob tal concepção agroecológica – “o solo melhorou, a produção foi diversificada para consumo da família e temos uma melhor renda vindo da própria produção. Tudo isso tem grande contribuição das mulheres e jovens da família”.

Atualmente, o Sr. Domingos é o presidente da ASCONSAJ (Associação dos Produtores dos Engenhos Conceição e São José), que conta também com uma mulher (Cristina) no corpo administrativo. Além disso, o grupo tem buscado estabelecer diversos vínculos de parceria com o Poder Público Municipal visando fortalecer as atividades já desenvolvidas – como, por exemplo, maior apoio por parte da Prefeitura a FEPAS e comercialização de rapaduras e açúcar mascavo orgânico beneficiados pelas famílias a CONAB e escolas da Região. Há ademais o engajamento de jovens, mulheres e homens desta família em outros Espaços de Articulação como, por exemplo, a CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul).

Em 08 anos de trabalho, a família se tornou um **centro multiplicador** destes conhecimentos tanto dentro como fora do assentamento onde mora – recebendo inúmeros intercâmbios e visitas de agricultores e estudantes da Região. “O grupo tem muitos problemas, mas o principal objetivo deste ano é fortalecer as parcerias com a Prefeitura e dar continuidade aos intercâmbios de troca de experiências com agricultores vizinhos”, conta o Sr. Domingos.

Foi uma vivência rica em troca de experiências devido ao um maior tempo de convivência (9 dias). Houve uma grande afinidade pessoal com a família, resultando numa amizade com todos os membros – mulheres, homens, adultos, jovens e crianças. Agradeço a Neide, Cristina, Nivinha, Zulmira, Vana, Sr. Domingos, Nido, Alison, Rafa, Everton, Nilo, Beto, Mary, Adriele, outros... pelos momentos de alegria. Eu realmente me senti como um membro desta família.

Esta vivencia trouxe diversas reflexões pessoais e profissionais sobre a importância do saber agroflorestal ser uma experiência de empoderamento – ser construída e difundida pelos agricultores (as). Tornaram-se pois conscientes (orgulhosos) do seu papel como agricultores ecológicos e ativos nos processos de superação de dificuldades locais (transporte da comercialização, crédito, organização social, difusão das experiências). Há, contudo o desafio de difundir os benefícios deste saber agroecológico participativo para outros(as).

Por fim, pude entender um pouco mais da Realidade Local, bem como compreender os variados **desafios e estratégias** das famílias.

Considero que a melhoria da qualidade de vida das famílias(as) é fruto das ações educativas conjuntas do CENTRO SABIA com as próprias famílias de agricultores. Através de relações sinceras de dialogo (técnicos-agricultores), de processos de educação e organização social (sensibilização) pude verificar o empoderamento das famílias. “Hoje as mudanças já são sentidas por todos nós e estamos muito mais confiantes em disseminar este trabalho que respeita o meio ambiente”, disseram mulheres e jovens.



CURSO DE BENEFICIAMENTO DA PRODUÇÃO

Visando fortalecer o papel das mulheres dentro do processo produtivo das famílias de agricultores, foi proposto o **Curso de Beneficiamento** da Produção. Ocorrido na propriedade do Sr. Domingos, esta oficina contou com aproximadamente **20 agricultoras** da MATA SUL.

O Curso foi focalizado pelas agricultoras mais experientes (Cristina, Vana) e acompanhado por Ana (técnica do SABIA) e por mim. Foram 2 dias de intensas **trocas de experiências e receitas passo-à-passo**.. Houve a transformação dos produtos locais *in natura* para outras formas de utilização para o consumo: doces, bolos, pães, polpas, geléias, etc.

Esta atividade tem importância estratégica no que se refere ao empoderamento das mulheres e jovens, que ao serem sensibilizadas e capacitadas, passam a atuar ativamente no processo de planejamento da produção, no beneficiamento e comercialização. Há, conseqüentemente, o aumento da renda familiar devido à agregação de valor e diversificação de produtos.

No contexto de comercialização agroecológica, esta capacitação visou também ampliar o nº de famílias participantes dos Espaços Agroecológicos de Comercialização existentes na Região. Foram trabalhadas as questões de higiene e cuidados no preparo dos alimentos, bem como compartilhadas experiências quanto as e perspectivas futuras das Feiras como a FEPAS – que vêm fortalecendo a organização e mobilização dos próprios agricultores e agricultoras.

Avalio esta vivência como muito positiva. Foram alegres momentos de “mão na massa”. O grupo esteve bem animado e o resultado final da oficina foi uma mesa cheia de doces, bolos, pães, polpas, biscoitos, etc.

Quero registrar que por já ter tido experiência com alimentação natural e integral, pude enquanto aprendiz participar ativamente da troca de conhecimento e experiências com todos os participantes da oficina. Recebi muitos elogios como cozinheiro, algo avaliado pelas participantes como positivo sobretudo por quebrar paradigmas com relação aos homens ligados às atividades domésticas.

FAMILIA DO Sr. ANTONIO BATISTA (“TOINHO”)

O agricultor Antônio Batista ou “Toinho” mora e trabalha na comunidade do Engenho Conceição. Sua propriedade possui aproximadamente 41 hectares sendo mais de 60% preservado com Mata atlântica. Trabalhou nas lavouras de cana-de-açúcar e outras atividades correlatas até receber um lote como a maioria dos outros agricultores assentados.

Com apoio do filho (Léo – 16 anos), produz frutas agroecológicas para consumo e comercialização na Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS.

O trabalho com o sistema agroflorestal iniciou, juntamente com outros agricultores, através da sensibilização e assessoria técnica feita pelo CENTRO SABIA e parcerias.

Foi observado que sua **área** é diversificada com muitas fruteiras – coco, graviola, acerola, manga, abacaxi, jaca, laranja, cacau, outros. Ele possui ainda bananais (prata e comprida) e canavial com manejo orgânico. Sua propriedade é acidentada e declivosa, e visando amenizar os efeitos da erosão foram introduzidas nas áreas abertas várias culturas para recuperação do solo como algumas árvores nativas e fruteiras juntamente com leguminosas e forrageiras.

Toinho tem **pouca disponibilidade de mão de obra e sua propriedade é distante da rodagem**, onde são carregadas as mercadorias que seguirão para a FEPAS. “Isto dificulta, pois o trabalho é muito e não tem como fazer tudo. Somos Léo e Eu, e às vezes agente tem que deixar algumas coisas demão. É por isso que o sítio está um pouco bagunçado”, explica Toinho.

Apesar das dificuldades, o agricultor planeja ampliar gradativamente os Saf’s, incrementar os bananais localizados em áreas de várzea com açai e num futuro breve construir um tanque de peixes e criar galinha de capoeira.

A **comercialização** de uma pequena parte de produção é feita na FEPAS, onde seu carro-chefe é a banana e caldo de cana de moinho próprio. A maior parte (frutas e outras culturas) segue de frete para outro município e é comercializada por sua ex-mulher e filhos, que ficam com a renda.

Quanto à **assessoria técnica** que vem recebendo, Toinho diz que “o SABIA tem ajudado muito. Tenho visto que o trabalho com a agrofloresta melhorou o solo e a produção foi diversificada. O interesse dos técnicos é

realmente ajudar a todos os agricultores que são buscam melhorar suas condições de vida”.

Toinho e Léo também recebem intercâmbios e visitas de agricultores e estudantes da Região. Ambos atuam como **multiplicadores** dos conhecimentos agroflorestais dentro e fora do assentamento onde moram. “É importante divulgar melhor o trabalho, pois os benefícios da agrofloresta são muitos e permanentes”.

Nosso contato se deu durante o período de uma manhã em **visita técnica guiada** pelo próprio agricultor. Foi uma vivência rápida e agradável na qual foi partilhada a experiência em planejamento de propriedades com diversificação da produção durante uma caminhada por toda a propriedade.

Esta vivência trouxe diversas reflexões pessoais e profissionais sobre os desafios e estratégias de famílias de agricultores como a de Toinho que contam com pouca disponibilidade de mão de obra.



FAMILIA DO ZÉ CABOCLO

O agricultor agroflorestal Zé Caboclo mora e trabalha na comunidade do Engenho Conceição, onde é casado com Dona Amara e teve três filhos. Começou a trabalhar no corte da cana bem jovem (07 anos) e fez carreira na Usina Trapiche. Posteriormente foi atravessador de produtos agrícolas da Região.

Em 1989, com muito esforço, **adquiriu um pedaço de terra por comodato** e investiu no plantio de cana de açúcar e bananas, tudo sobre forma de monocultivo com a utilização de agrotóxicos e de queimadas. Em 1993 negociou a troca de sua produção de cana, em torno de 400 toneladas, por uma área de aproximadamente 8,0 hectares. “Passei muitas dificuldades – trabalhei como atravessador para levantar dinheiro e investir na minha propriedade”.

Contudo, o **retorno financeiro da cana era insuficiente** para pagar os custos da produção. “Depois de moer a safra e receber o dinheiro da Usina, tudo mal cobria as despesas com corte, limpeza, cambitagem, transporte e adubos. Do apurado eu pagava o que devia no comércio. Na semana seguinte eu tinha que trabalhar fora para arrumar o que comer. Eu quase vendi minha parcela”.

A partir de 1996, estimulado pela ASCONSAJ (Associação dos agricultores da comunidade) e técnicos do PRORENDA RURAL-PE, começou a plantar culturas de ciclo curto e médio (milho, feijão, batata doce, macaxeira, etc...) de forma orgânica com a finalidade de atender a necessidade da família.

O trabalho com o sistema agroflorestal iniciou em 1999 à semelhança de outras famílias do assentamento. “No início achava tudo esquisito, plantar muita coisa junto era difícil de aceitar. Mesmo assim fui pondo em prática aos pouquinhos tudo o que via e ganhando confiança para aumentar a minha área”.

Apesar das críticas dos vizinhos e parentes, os resultados foram animadores. “É muito bom trabalhar com a Natureza. Graças a Deus tomei a decisão certa, escutei as informações de outras pessoas, botei em prática e o resultado é este: o meu solo está uma excelência, a qualidade de vida melhorou bastante, porque o importante é barriga cheia!”.

Foi feita, durante uma manhã e tarde, uma **visita técnica guiada** pelo próprio agricultor. Sua **área** é bem diversificada e possui muitas fruteiras – coco, banana, graviola, acerola, manga, abacate, jaca, caju, outros. Sua lavoura de subsistência (milho, mandioca, feijão) é consorciada com variadas folhosas e

condimentares (coentro, alface, couve). Além disso, o agricultor cria galinhas de capoeira (carne e ovos caipiras) e possui uma pequena área com cana de açúcar.

O sistema agroflorestal trouxe **segurança alimentar e financeira**. A comercialização do excedente é feita na Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS – onde seu carro chefe é a banana, a cana e coco. Segundo D. Amara – “hoje as mudanças já são sentidas por todos nós e a vida melhorou 100%”.

Em 08 anos de trabalho, a Zé Caboclo participou de inúmeros intercâmbios e visitas a outras experiências agroecológicas. Atualmente é um **agente multiplicador** destes conhecimentos tanto dentro como fora do assentamento onde mora. É ademais uma das lideranças que participa ativamente da CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul). Ele considera que a melhor maneira de se “**sensibilizar e mobilizar outros agricultores**” é fortalecer o grupo de agricultores ecológicos, divulgar melhor o trabalho com Saf’s., fortalecer as parcerias com a Prefeitura e buscar trabalhar com aqueles que querem.

Por fim, esta vivência trouxe diversas reflexões pessoais e profissionais sobre os desafios e estratégias de famílias de agricultores como a de Zé Caboclo que contam com **pouca disponibilidade de mão de obra** – “Sou Eu e Deus sozinhos aqui nessa terra. Tem muito trabalho para fazer, e graças ao Senhor ainda posso contar com a minha velhinha que já me ajuda por demais em casa”.

Foi uma vivência agradável, mas curta (de apenas 1 dia). Foram, contudo intensas as trocas de experiências no que se refere ao planejamento da propriedade (da produção e comercialização). “Agente tem que planejar tudo, todos os detalhes e por em prática”.



FEIRA DOS PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DE SIRINHAÉM – FEPAS

Às **sextas-feiras e sábados** ocorre a Feira dos Produtores Agroecológicos de Sirinhaém – FEPAS, criada em 2001 pelos agricultores agroecológicos da Região em parceria com o CENTRO SABIÁ, PRORENDA RURAL-PE, UFRPE e Prefeitura Municipal de Sirinhaém.

O desenvolvimento da produção gerada a partir do sucesso dos sistemas agroflorestais locais gerou uma demanda por um espaço de comercialização adequado para tais produtos.

A inauguração da FEPAS foi feita de forma inadequada e precipitada, segundo o relato dos técnicos e dos próprios agricultores(as). “No início os produtos eram expostos em mesas pequenas e inadequadas, e a maior parte era colocados diretamente no chão. Havia pouca diversidade e até concorrência pela venda de produtos semelhantes”. Posteriormente a Feira enfrentou problemas como a fraca organização do grupo, o desrespeito de regras e acordos estabelecidos, a inadimplência quanto ao pagamento da taxa do fundo para investimentos, perda de apoio da Prefeitura, deslocamento da FEPAS para local de pouca visibilidade, entre outros, resultando na perda de fregueses e desistência de vários agricultores.

Para a resolução deste e outros problemas, iniciou-se um processo de reflexões e reorganização do grupo. Foi então organizada uma comissão para elaborar e executar um projeto de melhoria da infra-estrutura do Espaço de Comercialização. Neste processo destacaram-se lideranças femininas, principalmente a de Cristina, que colaboraram na organização e mobilização do grupo, bem como pela arrecadação e investimento dos recursos levantados pelos fundos de feira. Os avanços conquistados pelo grupo desde então foram muitos.

A FEPAS beneficia atualmente **13 famílias compostas por mulheres, homens e alguns jovens**. É caracterizado como um Espaço de Comercialização Solidária, feita de forma direta aos consumidores. Os **produtos ofertados** são: frutas in natura (Banana, coco, graviola, acerola, maracujá, mamão, Ingá, cacau, limão, goiaba, araçá, jaca, etc), hortaliças (coentro, alface, quiabo, etc), animais e seus derivados (galinhas de capoeira, ovos, leite), e alimentos processados (polpa de frutas, doces em calda, bolos, pães, licores, farinha e massa de mandioca, etc).

Sob um **olhar econômico-financeiro**, a FEPAS tem contribuído principalmente para o aumento da renda e da autonomia financeira das famílias participantes do processo de comercialização. Ademais podem ser citados outros avanços: sensível aumento da procura por produtos agroecológicos pelos consumidores locais; aumento da diversidade de produtos ofertados; melhor aproveitamento da produção existente (beneficiamento com agregação de valor); inserção de jovens e mulheres no processo de planejamento e produção; entre outros.

Sob um **olhar sócio-ambiental**, houve um aumento da participação das mulheres no processo de produção, beneficiamento e comercialização, bem como nos processos de planejamento das unidades familiares e decisórios junto à coordenação da FEPAS. Podem ser citados também: recuperação de áreas degradadas através dos sistemas de produção agroecológica (criação animal – SAF's); fortalecimento político das famílias junto ao Poder Público Municipal; motivação dos vizinhos que eram resistentes ao trabalho com agrofloresta; mudança nas auto-estimas dos homens, mulheres e jovens resultante da melhoria da qualidade de Vida, entre outros.

Apesar de todos os avanços, a FEPAS possui alguns **desafios**. A busca por um espaço físico que dê maior visibilidade aos produtos e produtores agroecológicos é visto como o principal, pois atualmente os feirantes convencionais têm invadido o espaço da FEPAS com seus produtos e barracas. Outros desafios são: ampliar a oferta de produtos (diversificação); divulgar e conscientizar outros consumidores quanto à proposta da FEPAS; ampliar o n° de famílias no município que praticam a Agroecologia; fomentar e consolidar parcerias com o Poder Público (Prefeitura e outros), bem como fortalecer a organização interna do grupo.

Como **estratégia**, o grupo elaborou uma agenda com diversas metas e ações para o ano de 2008. Serão estimulados processos de planejamento das unidades familiares visando estabelecer uma oferta mais constante e diversificada para a comercialização; utilizados inúmeros meios de divulgação para a conscientização dos consumidores (rádio, palestras em escolas, outras) e motivação dos vizinhos e membros familiares que ainda são resistentes ao trabalho; construída agenda de parceria com a Prefeitura Municipal (com ações e

metas que apóiem a proposta da FEPAS e da pequena agroindústria do Engenho da Conceição), outros.

Por fim, todo o acompanhamento das atividades da FEPAS (do beneficiamento ao transporte e comercialização da produção) foi feito junto com os agricultores (homens, mulheres e jovens) em 2 dias. O trabalho de beneficiamento envolve inúmeras atividades que são iniciadas na quinta feira e conta com ajuda das mulheres e jovens prioritariamente. Na sexta-feira, a cambitagem das mercadorias no caminhão cedido pela Prefeitura gratuitamente é feita pelos homens. Na comercialização, todos atuam juntos.

Esta vivência, até então inédita profissionalmente, de acompanhamento de um Espaço de Comercialização Agroecológica trouxe diversas **reflexões**. Destaco as dificuldades do grupo quanto ao transporte da produção e à sensibilização e mobilização de outras famílias vizinhas (principalmente de jovens), bem como na busca por maior apoio do Poder Público Municipal. Muitas famílias contam com pouca disponibilidade de mão de obra e enfrentam dificuldades extras no que se refere à própria produção (escala e diversificação).

Foi intensa e gratificante a experiência, onde a minha maior aprendizagem foi vivenciar momentos de alegria entre agricultores, e entre agricultores e consumidores. A FEPAS é, pois um **espaço de encontro entre amigos** que ali vão para bater um papo, contar piadas, dar risadas e vender/comprar produtos saudáveis. Os agricultores são sempre bem receptivos e atendem com zelo cada cliente (amigo).

MATA NORTE – 3ª SEMANA

Na região de Abreu e Lima e Igarassu, municípios de Recife, um grupo de agricultores e agricultoras estão praticando a agricultura agroecológica com sucesso.

O **pioneirismo** na experimentação agroflorestal começou em 1994 com a família de Jones e Lenir e se deu com o acompanhamento técnico do CENTRO SABIA. A **construção desta experiência** foi feita participativamente pelos agricultores-técnicos e deste então este saber tem sido difundido entre outras famílias, numa construção conjunta rumo a Transição Agroecológica no Estado.

Atualmente na Mata Norte são cinco famílias fazendo agrofloresta e praticando apicultura, além da família de Jones e Lenir. A troca de saberes e experiências ocorre principalmente através de mutirões e outros espaços de encontros, onde todos são aprendizes e educadores.

Nos **sistemas mais avançados** (de Jones e Lenir, e de “Bola”), o excedente de produção tem permitido o beneficiamento e comercialização dos produtos. Através de inúmeros cursos de capacitação e intercâmbios de experiências foi potencializado o aproveitamento da produção: passas de frutas, doces, bolos, sucos diversos, geléias, licores, sanduíches, pães, pasteis, polpa de frutas, tortas, etc, e outros produtos da apicultura. Todos são comercializados no Espaço Agroecológico da Graças e no E.A. de Boa Viagem, em Recife.

Há ademais um grupo de famílias que iniciaram sua experiência recentemente (1 ano). A produção de frutas agroecológicas para autoconsumo é o carro-chefe destas **famílias novatas** – graviola, acerola, mamão, banana, abacaxi, coco, jaca, manga, etc. Há também a produção de hortaliças, animais e seus derivados, bem como produtos da lavoura de subsistência sob princípios de manejo agroecológicos. A apicultura tem propiciado renda para aquelas que ainda não possuem produção excedente para a comercialização.

As perspectivas para o futuro são animadoras – segurança alimentar, aumento da produção e produtividade, da renda, saúde, etc. Enfim, a **melhoria da qualidade de vida** das famílias.

MATA NORTE – BREVE OLHAR PESSOAL

Durante esta terceira semana, foram visitadas as famílias de Jones e Lenir, Gilberto (Bola), Sr. Amazias e D. Ana, Rubineide. O convívio foi mais intenso com a primeira, no qual pude **participar ativamente** de suas atividades cotidianas.

Jones e Lenir são hoje integrantes do **grupo pioneiro** no processo de Transição Agroecológica na Mata Norte. Por praticarem a agricultura agroflorestal há pouco mais de 14 (quatorze) anos, possuem papel de liderança no processo de troca de experiências com as famílias novatas.

Novamente busquei conhecer ao máximo a realidade local. Entre as atividades acompanhadas, destaco – manejo agroflorestal no Sítio São João orientado por Jones, o Beneficiamento da Produção feita pela Lenir (e família) e visita ao E.A das Graças, assim como visita a AGROFLOR e a propriedade de Rafael, Bom Jardim.

Cabe destacar que a construção de uma experiência agroecológica bem sucedida apoiada pelo CENTRO SABIÁ teve como base o estabelecimento de uma relação de confiança entre técnicos e agricultores. Neste contexto houve **envolvimento das mulheres e jovens** no processo educativo de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos agroecológicos.

Este fato potencializou o aproveitamento da produção através da transformação do produto in natura para outras formas: polpa de frutas, doces, bolos, pães, licores, passas, etc, e, conseqüentemente, fomentou a criação do E.A. das Graças (1997) e do E.A. de Boa Viagem (2001).

Com todo este trabalho, os resultados são inúmeros e positivos: os sistemas agroflorestais, a apicultura, a criação ecológica de animais, a organização social de um Espaço de Comercialização (E.A.'s), entre outros, trouxeram **segurança alimentar e financeira** a estas famílias.

Foi interessante perceber o **poder transformador** da Agroecologia e da agrofloresta refletidos nas atividades cotidianas e relatos das famílias mais experientes. Confiantes no Processo de Transição Agroecológica é nítido o **entusiasmo** e **motivação** das famílias novatas quanto ao trabalho com a agricultura ecológica.

E dentro desta perspectiva, profissionalmente busquei dialogar e refletir sobre os seguintes questionamentos:

- a) **Transição Agroecológica das famílias;**
- b) **Sustentabilidade social, econômica e ambiental dos Saf's;**
- c) **Processos Produtivos e de Planejamento de Propriedades.**

Durante esta semana foram inúmeros os aprendizados técnicos e metodológicos sobre implantação e manejo de agroflorestas, planejamento, beneficiamento e comercialização de produtos, bem como organização e gestão de E.A.'s. Pude profundamente conhecer e compreender a realidade da comunidade, das famílias de agricultores e agricultoras, e o papel de técnicos e Instituições de Assessoria (SABIA e UFRPE).

É importante citar que a **vivência na comunidade** permitiu um contato direto com a realidade da família de Jones e Lenir, e em especial a construção de relações mais profundas de amizade que permitiram uma ação-observação mais íntegra por parte do estagiário.

Agradeço a ambos por compartilharem comigo toda as suas experiências e sabedorias. Sinto que foi recíproca essa troca também com os outros agricultores e agricultoras - Gilberto (Bola), Sr. Amazias e D. Ana, Rubineide, Carlos, Tadeu e sua esposa.



FAMILIA DE JONES E LENIR

O agricultor Jones Severino Pereira vive com sua esposa Lenir Ferreira Pereira, no **Sítio São João** situado na comunidade de Inhamã, município de Abreu e Lima, região da Mata Norte Pernambucana. Trabalhou com a agricultura convencional juntamente com seus pais e irmãos por longos anos. “Foram anos de muita dificuldade, pobreza e desesperança”, disse Jones.

Em 1988, participou, entre outros, de uma capacitação em **apicultura** promovida pelo **Projeto de Tecnologia Alternativa** (PTA) do Centro Josué de Castro, o que resultou na formação de um grupo constituído de quatro famílias locais. Houve a **melhoria da qualidade de vida** das mesmas – principalmente de renda resultante da comercialização da produção (mel, própolis, etc).

Buscando construir novas práticas que resgatassem a produtividade e produção dos solos, em 1993 o grupo adotou **práticas ecológicas** - curva de nível, composto orgânico, húmus de minhoca, e outras no manejo do roçado. Apesar de positivas, as práticas não trouxeram os resultados desejados e desmobilizou o grupo.

Em 1994, motivados pelos técnicos do CENTRO SABIA (antiga REDE PTA), somente a família de Jones iniciou experimentação com a agrofloresta. Foi um aprendizado conjunto que teve como base a experiência do agricultor e pesquisador suíço **Ernest Götsch** – que realizou um curso sobre SAF’s para agricultores(as) da Zona da Mata, Agreste e Sertão de Pernambuco. Nesta prática priorizava o plantio consorciado de espécies de ciclo curto, médio e longo, bem como reprimia o uso das queimadas, agrotóxicos e de qualquer adubo químico.

Estimulado pelas novas informações, a família de Jones iniciou três áreas experimentais de SAF’s, respectivamente em 1994, 1995 e 1996. Entretanto, é preciso citar que houve muitas **críticas** de parentes e vizinhos - “Esse cara endoidou mesmo”, ou “Que agricultura mais sebosa! Deixar crescer capim no meio da lavoura”. Até mesmo o próprio agricultor era resistente a inovação – plantar tanta coisa junta e misturada, tudo era muito complicado. Iniciei por confiança no trabalho dos técnicos do SABIA, disse Jones.

A despeito dessas “injeções de desânimo”, as avaliações realizadas anualmente nestas três áreas permitiram à família e aos técnicos perceberem as falhas de condução e de planejamento, permitindo corrigi-las nos anos seguintes.

Todo o trabalho contou com a **colaboração dos filhos** - Juvenal e Verônica – e D. Lenir, que trabalhava na época como Agente Comunitária de Saúde, ajudava no planejamento das atividades e na gestão de unidade produtiva. De 1997 em diante foram implantados e manejadas novas áreas experimentais com sucesso.

A agrofloresta diversificou a **alimentação** familiar devido ao retorno da fertilidade dos solos. Com o beneficiamento dos produtos agroflorestais a **renda** aumentou significativamente, o que lhes permitiu, entre tantos outros, reformar a casa, comprar um carro (usado no transporte para E.A.), e principalmente custear os estudos dos dois filhos, hoje técnicos agrícola formados.

Com a consolidação do conhecimento, Jones e Lenir tornaram-se **agentes multiplicadores** – participam de diversas oficinas, intercâmbios e palestras, partilhando suas experiências de vida. Visitas de grupos de estudantes, pesquisadores, agricultores e técnicos, vindos de várias localidades, nacionais e internacionais, são constantes à sua propriedade. Atualmente Jones é o Diretor Presidente do CENTRO SABIA, participando ativamente da vida desta Instituição.

D. Lenir e o processamento dos produtos agroflorestais

O casal percebeu que as culturas de ciclo curto e médio da agrofloresta estavam garantindo boa parte de sua alimentação. “O beneficiamento nesta época era pouco – alguns bolos e doces eram feitos em casa”, disse Lenir.

De 1996 em diante com a produção de excedentes, em especial das culturas de ciclo longo, iniciou-se a comercialização in natura na Feira – coco, abacate, manga, banana, goiaba, abacaxi, caju, carambola, dentre outras frutas, sendo que os únicos produtos beneficiados eram o mel, os bolos de macaxeira e de batata doce. Num passo seguinte, visando evitar o desperdício de frutos in natura perecíveis, o casal optou por aproveitá-los através do beneficiamento.

Após sucessivos cursos de capacitação no processamento de alimentos – D. Lenir, muito dinâmica e criativa, tornou-se peça fundamental ao cuidar do beneficiamento. A **comercialização dos produtos** com alto valor agregado – diversidade, durabilidade e qualidade – era feita no E.A. das Graças aos sábados.

Atualmente, com o aprimoramento de seus conhecimentos no processamento e beneficiamento, D. Lenir os tem difundido através de oficinas e intercâmbios a outras mulheres e jovens agricultoras. “O trabalho com o

beneficiamento é muito gratificante, não apenas do ponto de vista financeiro, mas também, pelos laços de amizade criados com as pessoas que freqüentam os cursos dos quais participamos”, disse Lenir.

O beneficiamento acontece na sexta-feira de cedo até ao anoitecer. Inclui inúmeras atividades tais como preparar massas e recheios, assa-las, etc. Tudo é feito sob os cuidados de D. Lenir, que é auxiliada por outras 2 (duas) ajudantes (Elizângela e Daniela). Na ocasião pude novamente partilhar minhas experiências com relação à alimentação natural e integral.

Os produtos beneficiados foram:

- Bolos de banana, macaxeira, mandioca, jerimum;
- Sucos de açaí, capim santo, acerola com limão;
- Sanduíche integral de abóbora e macaxeira, com recheio de tarine;
- Pão e bolacha integrais;
- Pastéis integrais com ricota, proteína de soja e verdura, carne de jaca;

Acrescentam-se a eles outros beneficiados anteriormente tais como polpa de fruta (açaí), passas (abacaxi), doces (abacaxi, jaca), geléias (pitanga), produtos da criação de abelhas (mel, propomel, própolis, pomada de própolis, mel de pólen), bem como frutas in natura de todos os tipos colhidos na agrofloresta.

Sistemas Agrofloretais (SAF's)

Durante a estadia na propriedade, foram feitas diversas atividades de observação dos Saf's. Orientado pelo Jones, foram partilhadas experiências em relação ao planejamento, implantação e manejo de Saf's.

Segundo Jones, anteriormente a **agricultura** praticada era a **convencional** – enxada, fogo, adubo químico. A produção nos últimos anos era insignificante, e a agricultura não era a principal fonte de renda da família.

O sucesso na experimentação tem como base a observação empírica da natureza. “Com a agrofloresta a própria compreensão da Vida muda para o agricultor – a Natureza faz o que é certo no lugar e momento certos. Como posso então trabalhar para criar mais vida neste solo”, reflexão de Jones.

O primeiro passo é então fazer um **diagnóstico ambiental da propriedade**, tomando como base o solo sob floresta. As perguntas chaves são:

- a) Há semelhanças e diferenças entre meu solo e o solo sob floresta?
- b) Quais as reais condições de meu solo (cor, cheiro, diversidade de pequenos insetos e microorganismos, erosão, etc)?
- c) O que ele pode produzir com as condições atuais?
- d) Quais e como são os tipos de “matos e plantas daninhas” que aqui estão? Quê pistas eles nos fornecem para tornar o solo produtivo?
- e) Quais os cultivares que tenho que plantar e que desempenharão as mesmas funções que estes “matos”?
- f) Que espécies irão fornecer alimento para mim? E para o solo, etc?

Nesse sentido é preciso fazer o **levantamento das espécies** (rasteiras, lenhosas, arbustivas, frutíferas) e um estudo de suas características (estratos: sombra ou sol, resistentes a poda, adubadeiras, etc). “O ideal é plantar de forma mais variada possível segundo os *Princípios da Sucessão Natural*: lavoura para a família e para a comercialização, adubadeiras para a terra, forrageiras para os animais, e árvores nativas para diversificar o sistema (madeira fornecerá a lenha, as flores atrairão as abelhas, e muitos outros)”, disse o agricultor.

O próximo passo é o **planejamento e desenho dos consórcios**. Parece difícil imaginar, por exemplo, o consórcio de feijão e milho junto com cana, laranjeira, bananeira, capim elefante, mandioca, leucena, abacaxi. “Cada qual no seu devido local e espaçamento, e todas juntas prosperam melhor”, afirma Jones.

O **planejamento e organização das atividades** a serem executadas devem ser feitos de forma cuidadosa. Devem ser levados em conta – objetivo do Saf’s, cultivos prioritários (carros-chefe), recursos disponíveis (sementes, mão de obra, mudas, crédito, materiais para beneficiamento), transporte, mercado consumidor, etc. Este planejamento multidisciplinar deve incluir todos os membros da família – crianças, jovens, mulheres e homens e ser antecedente ao período das chuvas no mínimo 6 (seis) meses.

A **execução das atividades programada** deve ser seguida à risca. “Sugiro que comecem com uma pequena área (1 conta = 22 m²) pois na agrofloresta o trabalho é diferente – o aprendizado é diário. A área deverá ser ampliada à medida que o agricultor ganhar confiança na experimentação” ressaltou Jones.

Em etapa futura, para o **manejo da agrofloresta** devem ser feitos:

- a) Monitoramento e Avaliação da área*;
- b) Elaboração de croqui;
- c) Planejamento/organização das atividades – recursos disponíveis, etc;
- d) Capina seletiva;
- e) Poda (rejuvenescimento, drásticas ou de limpeza);
- f) Distribuição e acomodação do material (Matéria Orgânica) na área;
- g) Plantio de anuais e perenes** (mudas de frutíferas, de espécies adubadeiras e nativas), se necessário.

*Durante os processos de monitoramento e avaliação feitos a cada ciclo agrícola, deve-se refletir sobre as práticas desenvolvidas, os resultados alcançados, os custos e lucros da produção, beneficiamento e comercialização, entre outros aspectos importantes. Proceder-se-á a um novo planejamento referente ao ciclo que se inicia.

** A título de exemplo, no planejamento e implantação dos Saf's Jones contemplou o plantio consorciado de abacaxi, banana, cajueiro, graviola, limão, caju, mamão, abacate, coco, acerola, cidreira, flores (abelhas), cacau, jaca, (frutíferas) consorciado com milho, macaxeira (aipim) e feijões (fava, corda, mulatinho), e também espécies “adubadeiras” como capim elefante, guandu, sombreiro, ingá, feijão de porco, crote; e ainda as plantas nativas como imbiriba, tamboril, cupiuba, ipê (pau d’arco) e murici. Inicialmente a cada dois meses se efetua o corte do capim elefante para produção de matéria orgânica. Na medida em que o solo vai sendo restaurado, outras espécies são introduzidas, tais como: bananeiras, pupunha, café, açai, cupuaçu, outros.

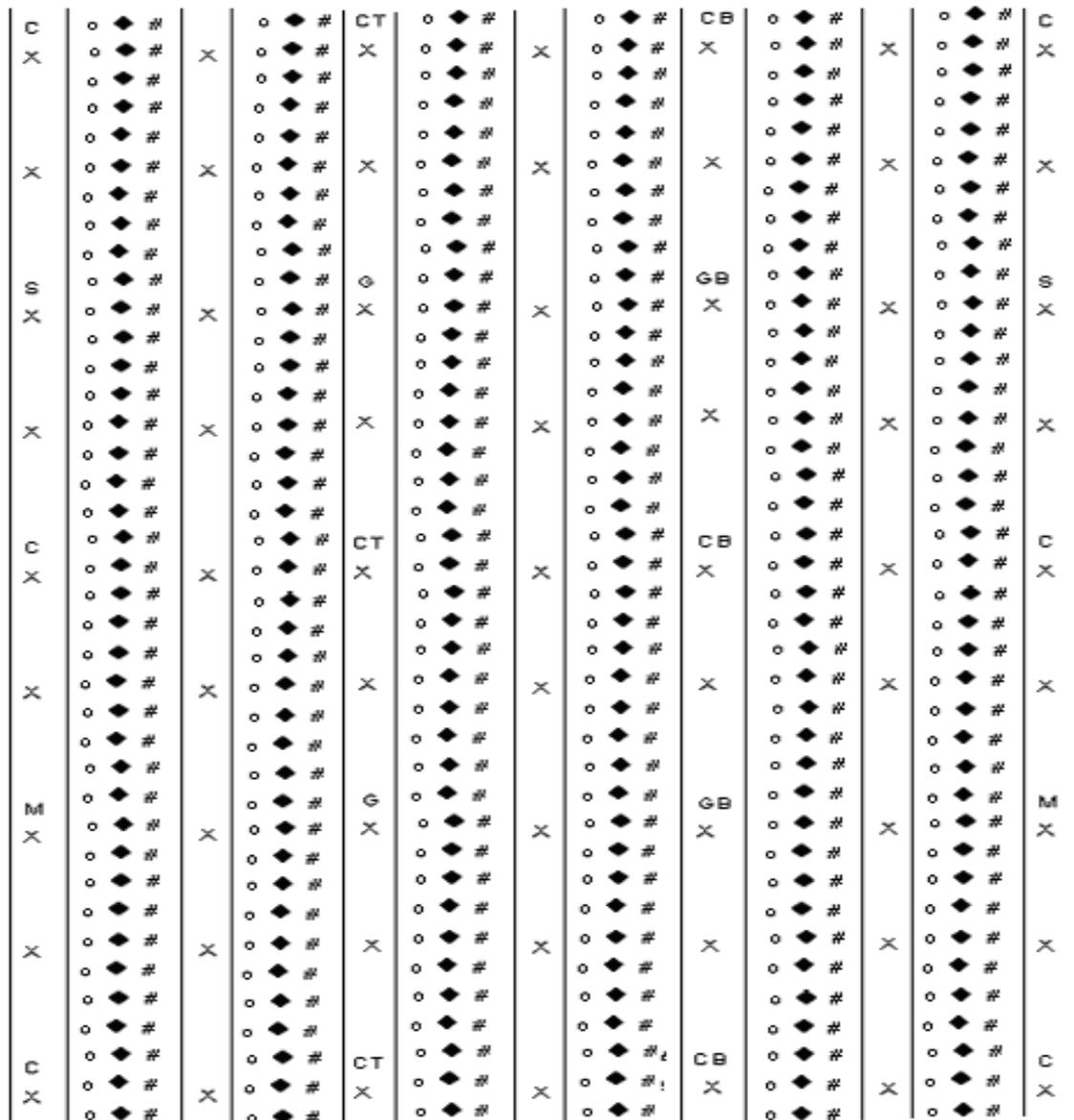
***Este critério de planejamento do trabalho deve ser adotado também para o processamento dos produtos e sua comercialização, onde a padronização e organização garantirão a qualidade dos produtos.

****O manejo dos agroecossistema é feito pelo agricultor através das práticas de podas, capinas, plantio e raleamento.

Lista de Plantas Nativas e Agrícolas cultivadas nos Saf's - área 60 m x 60 m.

Abacate	Abacaxi	Abio
Acácia	Açaí	Acerola
Amendoim	Amora	Araçá
Aroeira	Araticum	Banana
Banana de Macaco	Barbatimão	Boleira
Caboatã	Cacau	Café
Café do mato	Canela	Cajá
Caju	Capim Santo	Carambola
Castanheira do Maranhão	Caubim	Cedro
Citrus sp	Coco	Coração de Nego
Crote	Cupiuba	Cupuaçu
Dendê	Espinheiro	Embaúba
Feijão de corda	Feijão de porco	Feijão guandu
Filício	Fidalgo	Fruta Pão
Guapuruvu	Gliricidia	Goiaba
Graviola	Imbiriba	Ingá
Ipê-amarelo	Inhame	Jaca
Jambo	Jacarandá	Jenipapo
Juá	Laranja	Leucena
Limão	Macaxeira	Macaíba
Mamão	Manga	Maracujá
Muguba	Mulungu	Murici
Mussutaiba	Mutamba	Neem
Oiti	Pau Pereira	Pequi
Pimenta do reino	Pitanga	Peroba
Pitomba do mato	Praiba	Pupunha
Sabiazeiro	Sapoti	Seringueira
Sombreiro	Sucupira	Tamarindo
Tamangueiro	Tamboril	Trapiá
Ubaia	Urucum	Visgueiro
Xixá		

Croqui Saf I (planejamento e implantação) – Sítio Pitanga.



Legenda

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| II Abacaxi (0,5 x 0,5m) | CB Carambola (12m) |
| X Mamão (3 x 1,5m) | S Sapoti 9(12m) |
| C Coco (12m) | ° Milho (1 x 1m) |
| CT Citrus (12m) | ◆ F. porco (0,5m) |
| G Goiaba (12m) | #Gergilim |
| M Manga (12m) | |

Jones se apropriou e aprimorou a forma de manejar as espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas do sistema agroflorestal, superando um limitante comum à outros sistemas – o de **pouca disponibilidade de mão de obra**. O sucesso de

seus sistemas tem como base a forma de trabalhar analisando o ambiente, priorizando o planejamento área, preparando e selecionando as culturas, garantindo o maior número de espécies diversificadas, respeitando, a época as características de cada cultura (época de introdução, seguindo o modelo da sucessão natural das plantas).

Foi interessante perceber o **Poder Transformador** da Agroecologia e da agrofloresta refletidos nos relatos de todos os membros. Suas Vidas foram profundamente sensibilizadas e transformadas: os agricultores re-aprenderam a aprender, empoderaram-se metodologicamente das técnicas e processos e atualmente difundem tais conhecimentos. Pode-se dizer que a Agroecologia hoje está profundamente enraizada nos hábitos cotidianos da família de Jones e Lenir.

“De um sítio que não produzia nada, hoje vejo uma grandiosa diversidade, produzindo até culturas que não são da região (pupunha, açaí, cacau, cupuaçu). Hoje o solo tem outra qualidade, e a nossa qualidade de vida é outra”.

Nosso contato se deu durante o período de 10 (dez) dias, que incluem também acompanhamento das atividades de manejo dos apiários no sítio São João, Pitanga (onde mora Bola), assim como nos de Rubineide e Sr. Amazias e D. Ana. Sendo uma experiência inédita para mim, foram muitos os aprendizados.

Foi uma **vivência muito especial** para mim... e acredito que este trabalho contribuirá positivamente para a superação do atual desafio da Comunidade – a Transição Rural-Cidade e seus problemas inerentes.



E.A. DAS GRAÇAS - RECIFE

Aos **sábados**, acontecem os Espaços Agroecológicos (E.A.'s) nos Bairros das Graças e de Bom Jardim, em Recife. Reúnem produtores de Abreu e Lima, Chã Grande, Gravatá e Bom Jardim e tem como parcerias o CENTRO SABIÁ, AMA GRAVATÁ, AGROFLOR, CAATINGA, DIACONIA, entre outros.

Gerenciados pelos próprios agricultores (as), estes Espaços têm fortalecido a agricultura familiar na perspectiva agroecológica e viabilizado o acesso a uma alimentação de qualidade pelos moradores dos centros urbanos. Nesta concepção, o exercício de tomada de decisões, gestão dos fundos das feiras e vivência coletiva é visto como um processo de aprendizado e de desafio contínuo de todos (jovens, mulheres e homens). Vale ressaltar a importância destas Feiras na **geração de trabalho e renda** para as famílias, promoção da **organização popular e trabalho em redes**, incentivo a saúde, a **economia solidária** e a eco-educação.

Assim, para Jones, Lenir o trabalho começa às 2 horas da manhã com o carregamento da Kombi e viagem até o E.A. das Graças. Os produtos são organizados nas barracas, sendo que uma parte dos mesmos segue para E.A. de Bom Jardim com Juvenal. Os primeiros consumidores chegam (sempre alegres) às 3:30 horas e o término ocorre aproximadamente às 12 horas.

Logo neste primeiro contato pude sentir a magia do Espaço. Neste há a **interação** entre produtos agroecológicos e agroflorestais, entre estes e seus produtores, entre produtores de diferentes localidades, entre produtores e consumidores, e até entre consumidores (e visitantes).

Caracterizados pela comercialização direta com os consumidores, evitando a figura dos atravessadores, os E.A.'s são pois **espaços de convivência e troca de aprendizagem** entre pessoas, de relacionamentos amigáveis e solidários. “É muito bom frequentar esta Feira, faço isto há anos sem faltar nenhum dia. Os agricultores se preocupam conosco e nós com eles”, Renata (consumidora).

A existência das Feiras vem viabilizando a **participação das mulheres e jovens** tanto na vida pública através das reuniões, viagens e intercâmbios, como também pela geração de renda própria, garantindo a perpetuação das atividades ao longo das gerações. “Tenho muito orgulho da minha profissão e venho incentivado meu filho Marcones a seguir o mesmo caminho”, Rafael Justino.

A Feira é, por sua natureza, uma **identidade coletiva do grupo**. Os momentos de intercâmbio com outros agricultores, bem como o contato com os consumidores têm gerado uma dinâmica muito positiva de criatividade e inovação no E.A.'s. Essa prática fez crescer a aproximação entre as comunidades e as famílias de agricultores (as). Foram anos de “batalha” para se consolidar a Feira. “No início não tínhamos o apoio das Prefeituras Municipais como a de Recife. Éramos nós e as Instituições de Assessoria, e aos poucos fomos conquistando os clientes e o Espaço”, disse Fátima.

A organização da Feira é um exemplo disso. Sendo vista como uma grande conquista por todos, o Espaço possui uma **Coordenação e um Regimento Interno**, que determina, por exemplo, as normas a serem seguidos nos sistemas produtivos animal e vegetal e no beneficiamento das matérias primas. No E.A. das Graças todas as decisões são tomadas em grupo na reunião após o fim das vendas. Há neste momento também uma **troca de produtos não-comercializados entre os próprios agricultores**, o que é um exemplo concreto de economia solidária.

Outro aspecto importante é a **política de preços**, que é discutida nas Reuniões da Coordenação e Assessoria a partir de pesquisas em supermercados e feiras livres do Grande Recife, e validados em Assembléia Geral dos Agricultores e pelos consumidores. “Os produtos agroecológicos tem seu diferencial, e preços são justos”, disse Gilvan, técnico da AGROFLOR.

Vale ressaltar que as Instituições de Assessoria têm adotado uma estratégia de promoção da **autonomia dos agricultores (as) e suas organizações**. “No início o CENTRO SABIA participava de muitos momentos, inclusive transportando os produtos e produtores, e até subsidiando o transporte. Mas pouco a pouco o grupo foi ganhando confiança e assumiu a liderança destes processos”, disse Jones e Lenir.

Neste contexto, os agricultores têm buscado superar **dificuldades** e melhorar a Feira. A diversidade e disponibilidade constante de produtos têm sido obtidas através de um **planejamento da produção** para a comercialização (em grupo e individualmente). A gestão do Fundo Próprio da Feira no valor de 5 reais/contribuinte tem buscado melhorar a **limpeza, estrutura, organização e segurança** do Espaço. Quanto à abertura de inúmeras feiras ditas “Orgânicas e Agroecológicas” na Grande Recife, estão sendo discutidas com as Prefeituras

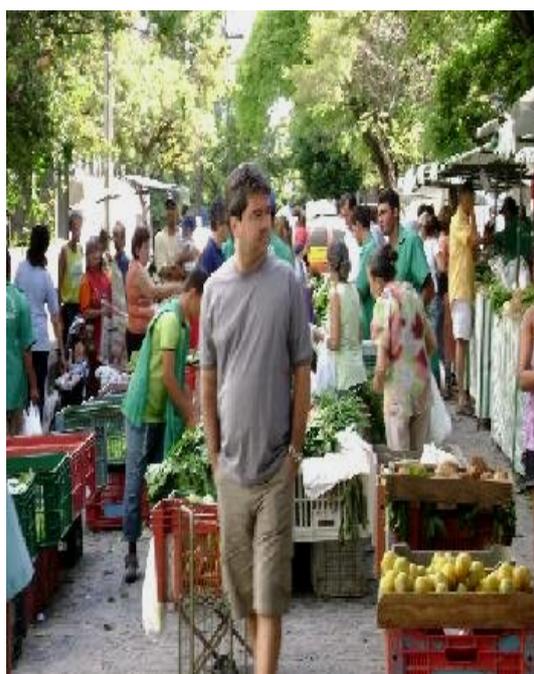
ações de identificação e fiscalização. E por fim, a própria coordenação têm aplicado **sanções** a agricultores que desrespeitam o Regimento Interno e as decisões tomadas em grupo. As ações estas em curso e os resultados são positivos e interessantes.

O E.A. das Graças conta atualmente com **23 barracas**, beneficiando inúmeras famílias. Os **produtos ofertados** são: frutas in natura (Banana, coco, graviola, acerola, maracujá, mamão, Ingá, cacau, limão, goiaba, araçá, jaca, etc), hortaliças (coentro, alface, quiabo, etc), animais e seus derivados (galinhas de capoeira, ovos, leite), e alimentos processados (polpa de frutas, doces em calda, bolos, pães, licores, farinha e massa de mandioca, etc), entre muitos outros.

Esta vivência foi muito rica para mim do ponto de vista profissional. O Resgate Histórico da Feira (**Linha do Tempo**) contada por Jones e Lenir traz a qualquer visitante uma sensação de CONQUISTA, onde agricultores, consumidores e Instituições de Assessoria trabalharam juntos em prol da consolidação do Espaço.

Pessoalmente, foi intensa e gratificante a experiência, onde a minha maior aprendizagem foi vivenciar momentos de alegria entre agricultores, e entre agricultores e consumidores. O E.A.das Graças é, pois um **espaço de encontro entre amigos** que ali vão para bater um papo, contar piadas, dar risadas e vender/comprar produtos saudáveis.

São momentos que ficam registrados no Coração e no Espírito...



VISITA A AGROFLOR E A PROPRIEDADE DE REFAEL, BOM JARDIM

A convite do agricultor Rafael Justino e com a colaboração do Professor Jorge Mattos/UFRPE, acompanhei um grupo de Estudantes da Engenharia Florestal em visita técnica à propriedade do agricultor e à AGROFLOR.

Sendo um **Momento de Intercâmbio** de informações entre agricultor (e sua família) e estudantes universitários matriculados na disciplina de Extensão Rural, esta visita foi guiada pelo próprio agricultor e pelo técnico Gilvan/AGROFLOR.

De uma maneira geral houve **participação ativa** dos estudantes nos momentos de contato com a família. Como exercício prático, os mesmos fizeram informalmente um **Diagnóstico Rural Rápido** visando conhecer ao máximo a realidade local e familiar. Durante uma caminhada transversal foram observados os sistemas produtivos do Sítio Feijão, com destaque para o pomar agroflorestal. Os estudantes priorizaram pelo levantamento de informações sobre os **processos tecnológicos** desenvolvidos pela família. Entre estes cabe destacar os recursos utilizados (mão de obra, crédito, etc) no manejo agroflorestal, no beneficiamento e na comercialização da produção.

Dentro desta perspectiva observei que os estudantes atuaram com frequência como agentes de transferência de tecnologias preconcebidas. “Sr. Rafael, acho que você deveria implantar aqui dois grandes tanques de peixes... o lucro é garantido... eu consigo o projeto para você”, disse um estudante.

Estes fatos me fizeram refletir sobre o desafio da **Formação Universitária** - que é assegurar perfil adequado dos profissionais que poderão atuar na Assistência Técnica e Extensão Rural junto a Agricultura Familiar. Essa preocupação é compartilhada também pelo professor Jorge Mattos - “Nosso objetivo é sensibilizar os estudantes quanto a Realidade Local (desafios e estratégias), e esta visita visa trazer para os estudantes conhecimentos metodológicos e práticos na área de **Extensão Participativa**”.

Assim sendo ao final de 3 (três) visitas à propriedade e à comunidade, os próprios estudantes irão propor e discutir, de forma participativa, inovações tecnológicas aos processos produtivos locais. “Serão elaborados mini-projetos com potenciais melhorias para a comunidade como um todo”, disse a estudante Natália.

Nesta breve visita foi possível perceber também os **resultados positivos** da Mobilização Agroecológica e Agroflorestal promovidos pelo CENTRO SABIA e parcerias. Na casa moram Rafael, sua esposa Ivonete e filhos Márcia, Marconi e Marissol. Em 1997, houve o primeiro contato com a apicultura. Num momento posterior as práticas agroflorestais trouxeram melhorias na produção e a comercialização do excedente no E.A. das Graças, em Recife, aumentou significativamente a renda da família. Rafael fundou junto com outros agricultores a Associação de Agricultores/as Agroecológicos/as de Bom Jardim (AGROFLOR) em 1999 e hoje atua como multiplicador desta experiência e conhecimento.

Segundo o técnico Gilvan, atualmente a **AGROFLOR** conta com 76 associados(as) e vem realizando ações em treze comunidades rurais do município de Bom Jardim, com foco na difusão da agricultura agroflorestal, na produção, beneficiamento e comercialização agroecológica, no fortalecimento institucional, na perspectiva da melhoria das condições de vida das famílias, em especial dos jovens, adolescente e crianças. Apoiados pela Organização de Cooperação Internacional KNH (Kindernothilfe), o trabalho é organizado e gerido pelos próprios agricultores, técnicos da AGROFLOR e conta também com a parceria e assessoria técnica, política e administrativa do CENTRO SABIA.

Avalio, por fim, esta vivência como muito interessante por ter me propiciado um breve contato com a realidade do Agreste Pernambucano - a família do agricultor agroflorestal Rafael, da Instituição de Assessoria (AGROFLOR), bem como com os graduandos da Engenharia Florestal/UFRPE. Neste sentido me posicionei como um observador, buscando compartilhar minha experiência profissional e pessoal principalmente com os estudantes.



MATA SUL – 4ª SEMANA

Durante esta semana pude acompanhar a Reunião da CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul). A CAMS possui papel fundamental na organização e mobilização dos diversos grupos de agricultores(as) agroecológicos da Região visando a construção de **Políticas Públicas** que fomentem a Agricultura Familiar Local e Regional. Contudo, nesta ocasião as lideranças presentes e técnico do CENTRO SABIA discutiram os rumos do grupo – desafios e estratégias. Este foi, pois um momento de reflexão, empoderamento e fortalecimento do grupo.

Nos dias seguintes, vivenciei grande aprendizagem com as famílias do Sr. Pedro e de Paciência que estão praticando a agricultura agroecológica com sucesso no município de Ribeirão. O **pioneirismo** na experimentação agroflorestal começou em 1999 quando Paciência, através do Projeto de Educação do PRONERA, visitou a área de Jones e, com o acompanhamento técnico do CENTRO SABIA, implantou sua pequena área. A troca de experiências ocorreu através de mutirões e intercâmbios, e no processo de difusão destes saberes Sr. Pedro e outros agricultores foram sensibilizados e mobilizados.

Atualmente em Ribeirão são três famílias fazendo agrofloresta. Os resultados são inúmeros e positivos, sendo o principal a **segurança alimentar**. Contudo, são muitos os **desafios** do grupo: pouca disponibilidade de recursos (crédito, mão de obra, infraestrutura, outras), dificuldade na comercialização da produção, consolidação da AFLORA (em crise na época). É também forte a motivação destes agricultores para superar-los.

Foi um convívio breve e alegre. Novamente busquei conhecer ao máximo a realidade local através de diálogo com as famílias e foram inúmeros os aprendizados técnicos e metodológicos sobre implantação e manejo de agroflorestas.

Agradeço a ambos por compartilharem comigo toda as suas experiências e sabedorias. Desejo sucesso nessa caminhada em prol da **Transição Agroecológica**.

COMISSÃO AGROECOLÓGICA DA MATA SUL – CAMS

No assentamento Amaraji, em Rio Formoso, ocorreu a Reunião da CAMS. Sandro (técnico SABIA) fez um **debate** sobre os seus desafios com tais perguntas-chaves – **O que é a CAMS, como ela está e como a queremos?**

Sob tal perspectiva, a CAMS é um espaço de discussão e articulação de **Políticas Públicas** de e para a Agricultura Familiar Local e Regional, sendo composta por agricultores(as) agroecológicos da Mata Sul, juntamente com técnicos e Instituições de Assessoria. Suas atuais **dificuldades** são o desinteresse dos membros, reduzida organização nas reuniões (e inexpressivos resultados), baixo empoderamento dos agricultores (as).

Nesta ocasião, devido à ausência das Instituições e de agricultores(as) por elas assessoradas, **o grupo** formado por Irmão José, Paciência, Sr. Pedro, Cristina, Zé Caboclo, Zé Rosa, Joselânia, José Augusto, Cabeludo, Sandro, eu e outros, construiu uma **ata** contendo o desejo de todos por melhorias. “Queremos a continuidade da CAMS... os agricultores(as) devem se organizar melhor, priorizando o trabalho com aqueles que tem interesse em melhorar de vida, desenvolvendo assim resultados mais expressivos com novos projetos... os técnicos das Instituições devem se posicionar diferente, pois as reuniões são dos agricultores... são eles os detentores da experiência agroecológica”. Este foi, pois um momento de reflexão, empoderamento e fortalecimento do grupo.

Observei que Sandro atuou como um **focalizador do grupo**, gerando perguntas animadoras que fizeram os agricultores(as) discutirem e refletir mais profundamente, bem como deliberarem sobre importantes pontos da pauta. “Eu me preocupo com os agricultores(as)... eles não podem somente esperar que as Instituições façam por eles... tenho cobrado mais organização e atitude... isto gera o empoderamento... o melhor exemplo é Zé Caboclo, Paciência e Cristina, hoje lideranças em suas localidades”, disse o técnico.

Foi uma vivência **de grande aprendizado metodológico**... que trouxe grandes reflexões profissionais sobre o papel das Instituições de Assessoria e de seus técnicos nas comunidades sob a ótica da sustentabilidade dos projetos e empoderamento dos seus beneficiários, assim como dos desafios de se sensibilizar os agricultores e agricultoras (famílias, comunidades, etc) para atuarem como agentes ativos do processo de mobilização social. Foram muitos

os momentos de questionamentos, perguntas, respostas... um **debate** feito de modo **direto e aberto**, onde os agricultores foram motivados a se mobilizarem... “São muitos os desafios, mas vamos então trabalhar para melhorar”, afirmou Paciência, ou ainda “Cada um tem um papel importante aqui na CAMS, agente tem que trabalhar juntos... somos nós os donos da CAMS”, agricultor Zé Rosa.



FAMÍLIA DO PACIÊNCIA

O agricultor Paulo Sebastião, mais conhecido como Paciência, pratica a agricultura agroflorestral no sítio de 5 (cinco) hectares situado no assentamento Serrinha, do município de Ribeirão, Zona da Mata Sul de Pernambuco.

Trabalhou com a agricultura convencional de corte de cana-de-açúcar como assalariado por longos anos. Com a aquisição de uma propriedade desapropriada, investiu no cultivo convencional de banana, mas não obteve sucesso.

Em 1999, através do Projeto de Educação do PRONERA que oferecia vários cursos técnicos, Paciência teve seu primeiro contato com a agricultura agroflorestral ao visitar a experiência de Jones. “Me interessei e coloquei em prática. No início recebi muitas críticas de vizinhos, mas com o acompanhamento de Jones e do CENTRO SABIA persisti”, disse o agricultor.

Apesar da **pouca disponibilidade de mão de obra** – “Na minha propriedade, eu trabalho só”, sua experiência é hoje referência em Agroecologia no assentamento e esta prática diversificou a **alimentação** da família devido ao retorno da fertilidade dos solos. O sistema trouxe também um **aumento da renda familiar** com a venda de frutas in natura na **Feira Convencional de Palmares** (no valor de até 2 salários/mês), bem como através de **contratos** temporários de outras Instituições para acompanhamento técnico a outras propriedades e agricultores (as).

Muito dinâmico e comunicativo, o agricultor Paciência sempre esteve envolvido com os movimentos sociais. Buscou apoio para seu projeto agroflorestral em duas outras associações existentes no assentamento, e sem sucesso, resolveu fundar juntamente com outros agricultores, em 2003, a **AFLORA** – Associação dos Agricultores Agroflorestrais de Ribeirão. É ademais uma das lideranças que participa ativamente da CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul).

Sendo uma experiência embrionária na localidade, a AFLORA tem tido diversas **dificuldades** tais como o nº reduzido de associados contribuintes e dificuldades financeiras para a sua Legalização no Cartório. Contudo, através da assessoria do CENTRO SABIA e parcerias, o grupo liderado por Paciência, Sr. Pedro e Irmão José está arrecadando recursos para investir na AFLORA através

da venda de mudas de espécies florestais feitas por eles para o projeto PRÓ-MATA/PE.

Em 09 anos de trabalho, a Paciência participou de inúmeros intercâmbios e visitas a outras experiências agroecológicas. Atualmente é um **agente multiplicador** destes conhecimentos tanto dentro como fora do assentamento onde mora – recebendo inúmeros intercâmbios e visitas de agricultores e estudantes da Região. “Ainda têm muitos vizinhos que me chamam de doido. Outros alegam que têm vontade de fazer agrofloresta, mas não têm condição, acham difícil... é preciso então trabalhar duro, fazer novas parcerias e divulgar mais o nosso trabalho”, disse o agricultor.

Sistemas Agroflorestais (SAF's)

Durante a estadia na propriedade, foram feitas diversas atividades de observação dos Saf's. Orientado pelo próprio agricultor, foram partilhadas experiências em relação ao planejamento, implantação e manejo de Saf's. O **passo-à-passo** é semelhante ao descrito por Jones (diagnóstico ambiental, planejamento e desenho dos consórcios, etc) e tem como base a observação empírica da natureza. “Agrofloresta significa para mim trabalhar junto Natureza... é um aprendizado diário”, disse Paciência.

Todo este trabalho resultou em **10 (dez) áreas agroflorestais** distintas em idades e consórcios, totalizando 2 ha de agrofloresta, 1 ha de capoeira, 0,5 ha de roçado. “A propriedade só tinha sapé e gengibre, indicando terra fraca... foram anos de muita dificuldade”.

Assim, foram observados os seguintes sistemas produtivos:

- i. Galinheiro – de tamanho de 0,5 conta (11 m²) com cerca viva composta por croti e hibisco, com 40 galinhas de capoeira que são alimentadas com os frutos da agrofloresta e outros (mandioca, milho, capim, feijão guandu, etc);
- ii. Viveiro – com aproximadamente 7 mil mudas de espécies florestais (à serem vendidas para o projeto PRÓ-MATA);
- iii. SAF I – de tamanho de 2 e ½ conta (60 m²), com média de 80 espécies florestais por conta, sendo **em safra** cupuaçu, goiaba, manga, ingá, cacau, coco, abio, catastro, fruta-pão, jambo, café, cajá, e **não safrejando** laranja, limão, pupunha, açai, sapoti, abacate. Como **nativas** estão

- também felício, jatobá, xixá, embira vermelha, sabiá, sambaqui, biribá. A principal adubadeira utilizada foi o sombreiro (a cada 1m);
- iv. SAF II – de tamanho de 1 conta (22 m²) e situado ao lado do SAF I, apresenta espécies florestais em densidade semelhante ao anterior, e inclui castanheira, copiúba, praíba, azeitona, quirí, jambre, dendê, embira branca, favinha, limãozinho, quisão de fogo, murici, leiteiro, visgueiro, louro, maracujá-açu, acácia, caju, mangueira e banana;
 - v. SAF III – de tamanho de 2 contas, com densidade semelhante ao anterior, sendo **em safra** cacau, café, biribá, banana, coco, cereja, acerola, manga, jaca, dendê, e **não safrejando** açaí, cajá e jenipapo. Para **madeira** estão sumaúma, pau-brasil, imbiriba, quirí, leiteiro, sambaqui, sabiá, castanheira;
 - vi. SAF IV – de tamanho de 0,25 conta, com densidade semelhante ao anterior, contendo açaí, colorau, sombreiro, dendê, jambo, fícus, sumaúma, graviola, banana, caju, biribá, ingá, imbiriba, cupuaçu, guapuruvu, pau mulato, pupunha, araticum. Como adubadeiras estão o sombreiro, ingá, jaca e abacate;
 - vii. Criatório de peixes – com tilápia e traíra (para venda);
 - viii. SAF V – de tamanho de 5 contas, semelhante ao SAF I, incluindo abacaxi, colorau, copiúba, cana, castanhola, azeitona, pau-pombo, seringueira, carambola, maracujá-açu, cará-lambú, oiti-coró, sucupira, aguarana, pau d’arco, murici, cinamomo, neen, pau mulato, leucena e juá;
 - ix. Apiário (abelha italiana e africana) – polinizadoras do SAF’e fornecedores de mel e derivados (5 caixas);
 - x. Capoeira – área com inúmeros pés de cajus, laranja, pitanga. Será feito o enriquecimento num futuro breve com sabiá (madeira), caju e banana (várias variedades) para comercialização, bem como construídos 2 novos tanques de criação de peixes.
 - xi. SAF VI – de tamanho de 0,5 conta com sabiá e outras espécies nativas para madeira (silvicultura).
 - xii. Capoeira – em estágio avançado de regeneração, com presença de nascentes e fauna (cobras, sagüis, pássaros, outros);
 - xiii. Outros 2 viveiros - com espécies florestais para enriquecimento dos SAF’s;
 - xiv. SAF VII – canavial orgânico consorciado com fruteiras (jaca, manga, banana, laranja, pitanga, outros);

- xv. SAF VIII – semelhante ao anterior, incluindo mandioca.
- xvi. SAF IX – inclui cana orgânica, lavoura branca (feijão, milho, mandioca, melancia, condimentares, etc), adubação verde, poucas fruteiras de porte baixo (mamão. Pinha, amora, pitanga, etc);
- xvii. SAF X – lavoura e horta.

Paciência se apropriou e aprimorou a forma de manejar as espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas do sistema agrofloresta, tal como Jones. “Todas são culturas de luxo, que não se poderia colher se não fosse a forma de cultivo agroflorestal”.

Foi interessante perceber que o sistema produtivo de Paciência está bem estruturado – há uma rica diversidade em árvores nativas, frutíferas e nativas. O planejamento da propriedade feito por Paciência contempla a ampliação e diversificação da produção para a comercialização, bem como investimento em material e equipamentos para o beneficiamento. “Vou devagarzinho, mas tudo planejado antes... pretendo, em breve, ter uma floresta de frutas na minha parcela... já comprei um forno para fazer farinha e goma, e quero um liquidificador industrial para as frutas... pretendo também ampliar minhas fontes de renda com o turismo, com plantio de flores tropicais e a piscicultura para a comercialização”.

E mesmo sendo curto nosso contato (1 dia), o que por sua vez impossibilitou uma observação mais aprimorada dos SAF's (espaçamentos, relação entre consórcios, outros), pessoal e profissionalmente foi intensa e gratificante a experiência de conhecer e trocar com o amigo Paciência

É mais uma vivência que fica registrada no Coração e no Espírito...



FAMÍLIA DO SR. PEDRO

O agricultor agroflorestal Pedro José vive com a família no assentamento Águas Claras, município de Ribeirão, Zona da Mata Sul de Pernambuco.

Trabalhou com a agricultura convencional de corte de cana-de-açúcar como assalariado por longos anos. Com a aquisição de uma propriedade desapropriada em 1993, trabalhou para as Usinas até obter recursos para investir em sua parcela. “No início só havia pedra, gengibre e sapé... comecei plantando cana, e em seguida, coco e mandioca... tudo com adubo”, disse o agricultor.

Em 2003, estimulado pelo filho Erivan, teve seu primeiro contato com a agrofloresta ao visitar a experiência de Paciência. “Eu não acreditava que aquilo desse futuro... mas estimulado pelo meu filho, comecei uma pequena área de 10x10m com macaxeira, manga, sombreiro, fruta-pão, acerola, banana, coco, laranja, caju, feijão de porco e guandu, abacaxi”, conta Sr. Pedro. Todo este trabalho foi acompanhado pelo agricultor Paciência e técnicos do SABIA.

A sua experiência é hoje referência em Agroecologia, onde a fruticultura e o plantio de flores tropicais para comercialização predominam nos seus sistemas produtivos. Esta prática diversificou a **alimentação** da família e trouxe um **aumento da renda** com a venda de frutas in natura na **Feira Convencional de Palmares**, aos sábados. Isto tem permitido custear, entre tantos outros, os estudos de seu filho Erivan em outro Estado (Técnico Agrícola).

Em 05 anos de trabalho, participou de inúmeros intercâmbios e visitas a outras experiências agroecológicas. Atualmente é um **agente multiplicador** destes conhecimentos tanto dentro como fora do assentamento onde mora. “Nosso trabalho é bem planejado... por isso sempre recebo gente aqui no sítio”.

Sendo muito comunicativo e dinâmico, o Sr. Pedro é membro da **AFLORA** – Associação dos Agricultores Agroflorestais de Ribeirão e uma liderança que participa ativamente da CAMS (Comissão Agroecológica da Mata Sul).

Durante a estadia na propriedade, foram feitas algumas atividades de observação e manejo dos Saf's. Destaco a partilha de experiências em relação ao planejamento de propriedade.

O Sr. Pedro se apropriou e aprimorou a forma de manejar as espécies do sistema agrofloresta, tal como Paciência. Seu sistema produtivo é rico e diverso. Assim, foram observados os seguintes sistemas produtivos:

- i. Criatório de animais – galinhas de capoeira, patos, gansos e tilápias (tanques) são alimentadas com os frutos da agrofloresta. São destinados para autoconsumo e comercialização;
- ii. Viveiro – com aproximadamente 5 mil mudas de espécies florestais (à serem vendidas para o projeto PRÓ-MATA);
- iii. SAF's – cobrem 2,5 ha da propriedade, onde predomina a fruticultura (manga, ingá, cacau, coco, abacaxi, laranja, limão, abacate, etc) para autoconsumo e comercialização, incluindo neste as flores tropicais;
- iv. “Pomar de Madeira” – sabiá, ingá, leucena, jaca, etc.
- v. Outras áreas – Lavoura branca (mandioca, milho, feijão), canavial orgânico (0,5 ha) e horta;

O **planejamento da propriedade** feito pelo agricultor contempla a ampliação e diversificação de outros sistemas de produção (carneiros, tilápias, flores, etc) para a comercialização, bem como investimento infraestrutura, material e equipamentos para o beneficiamento. “Já planejei tudo... tanques, carneiros, flores... é bom ter de tudo um pouco... e para agora preciso de um freezer e um liquidificador industrial para as frutas”, conta o Sr. Pedro.

E mesmo sendo curto nosso contato (2 dias), pessoal e profissionalmente foi gratificante a experiência ao lado desta família. “Você é um garoto esperto... caladinho e que aprende de tudo... você entendeu que planejar é tudo, todos os detalhes e por em prática... depois você volta aqui para me visitar”, disse emocionado o Sr. Pedro ao nos despedirmos.

É, pois, mais uma vivência que fica registrada no Coração e no Espírito...



MATA NORTE – 5ª SEMANA

Durante esta semana pude reencontrar os amigos Jones e Lenir... mas principalmente viver momentos de diversão com a família de Amazias e D. Ana.

Integrantes do **grupo pioneiro** no processo de Transição Agroecológica na Mata Norte, com pouco mais de 1 ano de experiência na agricultura agroflorestal, esta família está confiante dos benefícios e sucesso de tal prática.

Verifica-se na família de Amazias e D. Ana o envolvimento de todos – crianças, jovens e adultos – nos processos produtivos. Com pouco tempo de trabalho, os resultados são inúmeros e positivos: os Saf's estão contribuindo com um certo percentual para a **segurança alimentar** e a apicultura e meliponia estão contribuindo com a **financeira** desta família. É nítido o **entusiasmo** e **motivação** dos mesmos quanto ao trabalho com a agricultura ecológica.

O acompanhamento deste grupo novato revelou a importância dos intercâmbios e trocas de experiências, onde Jones e Lenir têm o papel fundamental como agente mobilizadores e multiplicadores ao promover a educação agricultor-agricultor. Todo este processo também conta com a assessoria do CENTRO SABIA.

Busquei, então, compreender e dialogar sobre as motivações de cada membro e as expectativas para o futuro do trabalho com a Agroecologia.



Agradeço a todos por compartilharem comigo suas histórias de Vida.

Foram os **últimos dias de estágio**... as sensações foram de plenitude, saudade e de cansaço... rrsr

FAMILIA DE AMAZIAS E D. ANA

No **sítio João Claudino**, de 1 ha, no Distrito de Cruz de Rebouças, Município de Igarassu, Zona da Mata Norte de Pernambuco, moram os agricultores agrofloretais Amazias Mendes e D. Ana com sua família.

Com uma história de vida enraizada na agricultura, esta família substituiu recentemente as práticas convencionais (enxada, fogo, fertilizantes químicos e agrotóxicos) por práticas ecológicas de manejo do solo e das plantas. “Nossa luta era contra a Natureza, por isso pesquisei muito... procurei a EMATER, políticos, e visitei várias ONG’s... estava convicto de que havia alternativas”, afirma Amazias.

Em fevereiro de 2007 iniciaram sua experiência agroflorestral com o apoio de Jones e de técnicos do CENTRO SABIA. A base desta construção de saber foi os momentos de vivência em grupo (multirões quinzenais) e visitas a outras experiências agroecológicas na Região. Segundo o agricultor “para se fazer uma agroflorestra não é preciso dinheiro, mas sim conhecimento e muita dedicação... muito trabalho e observação”.

Assim, durante a estadia na propriedade foram feitas algumas atividades de observação dos Saf’s, bem como de planejamento de propriedade. Observa-se no sítio as atividades de **fruticultura, criação de galinha e meliponia** (canudo, mosquito, jataí e uruçú).

A primeira é praticada através dos princípios agrofloretais citados em Jones, e nesta diversidade de plantas se encontram – macaxeira, milho, feijão, limão, laranja, coco, banana, manga, abacate, mamão, pupunha, graviola, abacaxi, amora, cajá, feijão guandu, pitanga, outras, consorciadas com adubadeiras e flores melíferas. Os frutos da agroflorestra alimentam as galinhas de capoeira, que são criadas semiconfinadas. A apicultura é praticada pela família em outras áreas da Região, e a prática da meliponia no sítio é feita aos cuidados de D. Ana. Há demais atividades externas à agricultura (comércio) e a aposentadoria da filha como fontes de renda.

Os **resultados** são inúmeros e positivos: os sistemas agrofloretais vêm contribuindo para a diversificação da alimentação familiar, e a apicultura e meliponia tem gerado renda com a comercialização de seus derivados (mel, própolis, etc). “O aprendizado é diário, tanto com a agroflorestra quanto com a apicultura... e todos estão envolvidos, principalmente as crianças”, disse D. Ana.

Sendo muito comunicativo e dinâmico, Amazias tornou-se um **difusor**, juntamente com seus filhos e esposa, dos conhecimentos da agrofloresta. Tem envolvido parentes que trabalham na agricultura, outros agricultores, membros da igreja e até colegas de seus filhos na Escola. “No grupo de agricultores agroecológicos do qual faço parte eu sempre me preocupo com o processo de formação e conscientização agroecológica”.

Com base no sucesso de suas experiências, a família pretende ampliar sua área agroflorestal nos próximos anos. “Planejamos dedicar mais tempo para agrofloresta, ampliar a área e associá-la à criação de abelhas melípona”. Qualquer visitante facilmente percebe este **entusiasmo** e a **motivação** dos mesmos quanto ao trabalho com a agricultura ecológica. “A Agroecologia e a Agrofloresta têm melhorado nossa Qualidade de Vida”, afirmou Ana Maria (filha).

Por fim... foi uma **vivência muito especial** para mim... ao perceber que a convicção religiosa foi a principal força motriz que fez esta família optar por uma alimentação vegetariana e saudável, e posteriormente trouxe outras dimensões ao seu trabalho (SAF's e apicultura)... logo as expectativas para o futuro são as melhores possíveis...

A todos agradeço por partilharem comigo toda uma sabedoria de Vida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Miguel Altieri, a Agroecologia corresponde às bases científicas de apoio a **processos de transição** do modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas sustentáveis, preconizando a ativa participação das pessoas com base em novos paradigmas, posturas e práticas sócio-culturais.

Assim sendo, o enfoque agroecológico que vem sendo trabalhado pelo CENTRO SABIÁ tem como “carro-chefe” de sua ação institucional a **agrofloresta**. Esta está estritamente relacionada com outros processos tais como a **consolidação organizacional** de agricultores e agricultoras familiares, a **comercialização agroecológica** e **fomento de políticas públicas** com vistas à convivência no Semi-Árido. Busca, pois identificar, sistematizar e divulgar tecnologias alternativas para o desenvolvimento da agricultura junto a agricultores(as) familiares.

Sob tal perspectiva foram vivenciados outros tantos aspectos do cotidiano dos agricultores(as) e da equipe do CENTRO SABIA que não foram aqui relatados. Contudo é importante citar outros **pontos positivos** da vivência que resultaram no fortalecimento da minha formação acadêmica e profissional.

O primeiro está relacionado à **construção participativa da proposta do estágio** feita por mim e pelo CENTRO SABIA. O seu corpo técnico em muitos momentos **valorizou** minhas opiniões, experiências e anseios pessoais e profissionais, resultando numa relação de respeito, compromisso e confiança entre todos.

O **contato direto com as famílias e comunidades** foi outro ponto interessante. Este fato permitiu um aprendizado mais amplo e profundo sobre as diferentes realidades locais, estratégias e desafios da Agroecologia no Estado, assim como trouxe uma aproximação e troca muito rica entre os membros das famílias visitadas, técnicos e o estagiário. Neste processo busquei ao máximo contribuir positiva e conscientemente dentro da perspectiva de **Paulo Freire**.

O terceiro ponto diz respeito ao **sucesso do trabalho** desenvolvido pela Instituição. Com base num trabalho sério e contínuo o CENTRO SABIA vem promovendo o empoderamento técnico e metodológico dos beneficiários de seus projetos, algo facilmente observado nas suas ações institucionais, nas atitudes

dos técnicos, nos resultados concretos (Saf's implantados, Feiras e EA's), nos relatos dos agricultores(as), entre tantos outros.

O quarto ponto é uma **reflexão pessoal** – o Desenvolvimento Agroecológico o qual pode vivenciar é dinâmico, ativo, desafiador e contextualizado com a Realidade. Exige de seus agentes conhecimentos e formação técnico-pedagógica que inclua as dimensões econômicas, sociais, ecológicas, culturais, políticas e éticas. Assim sendo, os agricultores(as) e suas famílias ao serem empoderados de tais “conhecimentos” pelas Instituições de Assessoria e parceiros estão construindo ativamente uma experiência referência em **Transição Agroecológica**, e entre os resultados concretos destaco que muitos adquiriram posicionamento crítico e atuação propositiva diante de suas realidades com base em novos parâmetros de trabalho – a agricultura ecológica.

Por fim, é preciso tem em mente que atualmente o **maior desafio** do grupo (agricultores e Instituições) é a ampliação e multiplicação destas experiências. A sensibilização e **mobilização de novos agentes** - jovens e adultos – não têm sido fáceis na Zona Mata de uma maneira geral. São muitas as estratégias e todas estão em curso – fortalecimento das organizações dos agricultores(as) e de diversos Espaços de Articulação e Deliberação, promoção de intercâmbios, ampliação e divulgação das Feiras... educação ambiental em escolas... formação profissional de estudantes das Ciências Agrárias através de Estágios de Vivência, etc...

... muitas delas pude vivenciar nestas 5 semanas de Estágio.



AGRADECIMENTOS

Este Relatório tem um desenho estrutural diferente; busca ora ser sistemático e detalhista, ora ser simples e objetivo. Visa, entretanto, ir além da descrição pontual das atividades desenvolvidas e resultados obtidos ao tentar expressar em palavras sentimentos e emoções únicos da vivência em cada comunidade, família, realidade... em cada dia, momento.

Não é por acaso que o leitor encontra em seu texto respostas para as seguintes perguntas:

- O que vi?**
- O que ouvi?**
- O que senti?**
- O que fiz?**
- O que aprendi?**
- O que troquei?**

É pois uma humilde tentativa de expressar minha gratidão às famílias de agricultores(as) e ao CENTRO SABIA pela imensa APRENDIZAGEM DE VIDA.

Desejo profundamente que outras inúmeras pessoas tenham a oportunidade de viver a AGROECOLOGIA de maneira tão rica como a mim foi proporcionada.

Para isto recomendo aos futuros técnicos e estagiários comprometimento e humildade num um diálogo de trocas com os agricultores e agricultoras – crianças, jovens, adolescentes e adultos.

Como pessoa e como profissional... o seu aprendizado será mais pleno se desenvolver as habilidades ... ser confiável, paciente, bondoso, respeitoso, comprometido, humilde, honesto... comece sendo um **bom ouvinte e servidor**.

Desejo VIDA LONGA... a Agroecologia no Estado de Pernambuco e

às famílias de agricultores (as),
à Sandro e Ana (técnicos),
ao CENTRO SABIA

